

## **IV Parte:**

# **“Cristologia e Antropologia: Centralidade de Cristo e Salvação da Pessoa Humana”**

## IV - Cristologia e Antropologia: Centralidade de Cristo e Salvação da Pessoa Humana

### Cap. 1 - O Evento Cristo: significado salvífico da pessoa humana

#### Introdução

Nosso objetivo neste capítulo será reconhecer a significação existencial e soteriológica do evento Cristo, de modo a poder nos orientar na compreensão da antropologia teológica de Juan Alfaro. E para isto contamos com as linhas fundamentais de sua cristologia, desenvolvida ao longo de sua sistematização teológica. O sentido dessa cristologia aparece na síntese de sua antropologia teológica, que tem em Cristo o seu fundamento.

A humanidade nova de Cristo é o ponto central de uma antropologia que se propõe soteriológica, e de uma soteriologia que se reconhece antropológica. Ela fundamenta-se na humanidade do Verbo Encarnado, e seu destino é a existência humana em suas variadas dimensões.<sup>284</sup> A cristologia, integrando essas duas visões teológicas, apresenta-se como paradigma para a existência humana, para a vida cristã e para toda sistemática teológica.

A partir da reflexão teológica sobre o progresso humano, Alfaro dá uma atenção particular à Cristologia, explicitando a pessoa de Jesus como plenitude e finalização de toda realidade humana. Nessa linha, analisa, a partir de Cristo, as dimensões fundamentais da existência humana, que são elevadas a Ele mesmo pela graça da união hipostática e pelo seu modo próprio de subsistir como Pessoa do Verbo Encarnado, a qual expressa sua divindade e manifesta sua salvação e sua libertação na humanidade e no mundo.<sup>285</sup>

Neste capítulo refletiremos sobre a constituição ontológica e psicológica de Cristo, levando em consideração seu aspecto existencial: a realização de sua Encarnação na história; a significação existencial de sua experiência humana; e a significação salvífica para a humanidade das dimensões fundamentais de sua existência humana.

---

<sup>284</sup> Cf. GS, 21 -22

<sup>285</sup> Cf. ALFARO, J. **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 63-81.

Num segundo momento, consideraremos a cristologia alfariana em sua funcionalidade soteriológica, a qual se baseia na perspectiva ontológica-existencial e apresenta a existência de Cristo como autocomunicação do Pai, com a função salvífica de Revelador, Senhor, Sacerdote. Esse segundo momento abre os horizontes de nossa pesquisa, apontando caminhos possíveis de reflexão, e garante a abrangência da temática na qual a centralidade da Pessoa de Cristo integra e sintetiza o sentido antropológico e soteriológico da pessoa humana. Assim, a função de Cristo como Revelador do Pai nos orienta na perspectiva da teologia da revelação e da cristologia, esclarecendo a teologia da fé como resposta à autocomunicação do Pai em Jesus Cristo; a função de Cristo como Senhor abre a reflexão cristológica com um enfoque pneumatológico como alicerce fundamental da existência humana marcada pelo senhorio de Cristo, que se apresenta como seguimento livre, criativo, e conduzido pelo Espírito de Cristo Senhor; e a função de Cristo como Sacerdote faz recair sobre a realidade humana o aspecto da práxis do encontro Pessoal com a graça de Cristo. A originalidade deste título nasce do mistério de auto doação do Verbo Encarnado com a humanidade, expressando uma solidariedade salvífica que fundamenta a existência humana e cristã.

Considerando esta reflexão cristológica como ponto de integração e de sentido da antropologia teológica, buscamos a relevância de um discurso antro-po-soteriológico. E sob a luz da pessoa de Jesus Cristo, apresentaremos o sentido da pessoa humana e a identidade de sua existência.

Orientados pela elaboração teológica de Juan Alfaro, queremos encontrar em Cristo a plenitude da Pessoa. Consideramos a sua personalidade, as suas relações pessoais e ainda a sua identidade marcada pelo dom da presença do Verbo Divino na existência humana. Essa presença conduz a pessoa para um encontro de comunhão com Deus que se realiza em meio às relações humanas, no mundo, na história e, além dela, na perspectiva da esperança.

Nesta apresentação pontuamos alguns elementos fundamentais da cristologia de Alfaro, os quais abrem a reflexão sobre o sentido antropológico e soteriológico da pessoa. Baseados na Encarnação como categoria fundamental para a teologia, eles nos comunicam a gratuidade do mistério de Cristo e a sua eventualidade salvífica, como plenitude e realização definitiva da pessoa humana e de sua história.

## 1 - Encarnação: chave hermenêutica e núcleo antropológico da Cristologia de Juan Alfaro

A chave hermenêutica fundamental dos estudos cristológicos de Alfaro é a Encarnação. Em Jesus acontece a identificação entre pessoa e graça. E o caráter pessoal da graça de Deus se realiza na Pessoa do Verbo Encarnado. Na Encarnação, a unidade pessoal do Verbo de Deus com a humanidade, em Jesus Cristo, o Filho, manifesta e autocomunica o próprio Deus.<sup>286</sup>

Assim, a nossa reflexão sobre a economia da graça, sobre a qual refletiremos no próximo capítulo, projeta-se sobre o sentido salvífico da Encarnação, o que nos possibilitará compreender a concepção cristã de pessoa humana.

A Encarnação expressa a suprema imanência e a suprema transcendência da graça. Em Cristo encarnado, a natureza humana chega à plenitude pessoal e à máxima experiência de Deus.<sup>287</sup> Este se oferece ao homem para constituir uma relação de filiação, apresentando-se como Pai, em virtude da relação da geração trinitária. A experiência de Cristo, Pessoa do Verbo de Deus, é a chave de leitura desta reflexão, definindo-se como uma analogia fundante para toda e qualquer compreensão cristã da existência humana, além de experiência que remete à pessoa em relação com Deus Pai e Fonte.<sup>288</sup>

Alfaro elabora essa função mediadora de Cristo a partir da categoria de “encontro”,<sup>289</sup> introduzindo algo que é característico de sua sistemática teológica, o personalismo<sup>290</sup>. Ele oferece à reflexão teológica a perspectiva de continuidade, ou seja, de processo relacional-pessoal entre a existência quotidiana e a visão escatológica, um processo inserido na Encarnação de Cristo e que chega à visão de Deus.<sup>291</sup> Entendemos, por conseguinte, a Encarnação

<sup>286</sup> Cf. Id., **Cristologia e antropologia**, p. 417-418; DE MIGUEL, J. M. **Revelación y fe**, p. 157-201; LÓPEZ AMAT, A., **Cristo resucitado**, p. 254.

<sup>287</sup> Cf. ALFARO, J., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 67-68.

<sup>288</sup> COLLINS G. O., **La encarnación**, p. 15-56.

<sup>289</sup> Cf. LÓPEZ AMAT, A., op. cit., p. 267.

<sup>290</sup> Cf. Id., **Jesús el Ungido**, p. 241-243;245. Segundo Amat, o personalismo nesta concepção de “encontro” foi introduzido por E. Schillebeeckx em sua obra **Cristo, sacramento del encuentro con Dios**. Também considera que Schillebeeckx apresentou o mistério de Cristo em sua totalidade e unidade, evitando seções particulares da realidade de Cristo. Para Amat, Alfaro segue a intuição de Schillebeeckx para elaborar sua própria cristologia.

<sup>291</sup> Id., **Cristo resucitado**, p. 253-254. Amat considera a cristologia de Juan Alfaro e apresenta a encarnação como chave integradora e hermenêutica. Para ele Alfaro apresenta esta centralidade da encarnação em suas reflexões cristológica nos escritos **Cristo glorioso, revelador del Padre; Encarnación y revelación; La Encarnación del Verbo y la felicidad del hombre resucitado**.

como uma categoria integradora e hermenêutica que permitirá a Alfaro apresentar uma síntese ontológica-funcional de sua cristologia e fundamentar sua antropologia teológica.<sup>292</sup>

### 1.1 - Cristo, Pessoa do Verbo na existência humana: Mistério da Encarnação

Alfaro reflete sobre a constituição ontológica e sobre a experiência transcendental de Cristo como ponto de apoio para a compreensão de sua função reveladora e autocomunicação de Deus.<sup>293</sup> Sua reflexão sobre esta questão tem como ponto de partida a teologia bíblica, principalmente a exegese do Prólogo e do capítulo 17 de S. João.<sup>294</sup> Nesse contexto bíblico, focaliza a compreensão de Cristo como Pessoa, Pessoa do Verbo Encarnado.

Na Encarnação, a personalidade do Verbo é comunicada à humanidade de Cristo. Dessa forma, a humanidade sinaliza a transcendência divina, carece de seu próprio ser pessoal humano e tem como subsistente a Pessoa do Verbo de Deus: a humanidade encarnada é assumida, substancialmente, pela segunda Pessoa da Trindade.

Deus mesmo, na Pessoa do Verbo, assume a natureza humana e, criando-a como reveladora de sua Pessoa, comunica a sua substância.<sup>295</sup> A humanidade de Cristo recebe uma determinação ontológica que intrinsecamente a aperfeiçoa e a torna disponível para acolher a Pessoa do Verbo.<sup>296</sup> Essa determinação constitui a identidade de Cristo, que tem seu fundamento no único ser Pessoal ao qual toda natureza humana é elevada e integrada pela união hipostática.<sup>297</sup>

<sup>292</sup> Cf. ALFARO, J., **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor y Sacerdote**, p. 671-753; A. LÓPEZ AMAT, **Jesús unguido**, p. 250-262.

<sup>293</sup> Estes aspectos fundamentais da constituição pessoal de Cristo na obra de Alfaro foram refletidos especialmente por T. Citrini. Cf. CITRINI, T., **Gesú Cristo rivelazione di Dio**, 173-176; DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 128-131.; 174-177; 180-181.

<sup>294</sup> Cf. ALFARO, J., **Cristo glorioso, rivelatore del Padre**, p. 156-174.

<sup>295</sup> Cf. Id., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 70-71.

<sup>296</sup> Cf. Id., **Cristo glorioso, revelatore del Padre**, p. 174-190; DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 106-110.

<sup>297</sup> *“L’unione ipostatica costituisce la massima comunicazione divina allà natura intellettuale creata. Mistero assoluto; la persona divina del Verbo comunica la sua increata sustenza allà natura umana: questa ‘esiste nella persona del Verbo.’ Questa comunicazione non avviene nell’ordine dell’efficienza, ma in quell’ordine supremo dell’essere che è sufficienza personale.”* **Cristologia e antropologia**, p.176. Cf. S. Theo. III, q.1, a.1; a.6; q.2, a.10, inc.et ad1; a.11. III q.2, a.2, ad2,3; p. 17, a2, ad2; Q. D. Unione V. I., a.2. – *“L’unione ipostatica include in se stessa, o almeno porta necessariamente con sé una realtà creata, che è una determinazione ontologica*

A realidade toda de Cristo, em sua divindade e em sua humanidade, vive da essência do Pai e, como Verbo Encarnado, numa dependência íntima e total com o Pai. Em sua consciência humana, experimenta-se como Pessoa do Verbo e sua humanidade intui o Verbo de Deus como subsistente. A visão de Deus é uma realidade co-natural, em decorrência da Encarnação, na qual Deus mesmo subsiste em Cristo.<sup>298</sup>

A experiência humana de Cristo, enquanto Pessoa do Verbo, é a experiência de Deus Pai: Cristo é Pessoa, enquanto Deus é seu Pai.<sup>299</sup> A personalidade de Cristo nasce da Relação Pessoal com o seu Pai, do qual é gerado consubstancialmente,<sup>300</sup> tornando-se essa relação o centro unificador de sua experiência como Filho de Deus feito homem.<sup>301</sup> O homem Jesus de Nazaré, Verbo Encarnado, é assumido pelo Verbo Eterno, e nisso reside o mistério da Encarnação: a união do caráter pessoal divino com a autenticidade do ser humano.<sup>302</sup>

“O princípio intrínseco da unidade de Cristo é a unidade da Pessoa, isto é unidade subsistente que recebe do Pai o seu divino Ser: unidade ontológica de Cristo que tem o seu último fundamento neste ser pessoal único, que não é senão o fim subsistente da comunicação da substância do Pai; O Verbo realmente subsiste na natureza divina e na natureza humana: Cristo.”<sup>303</sup>

O fundamento formal da possibilidade da Encarnação (união hipostática), na qual o Verbo de Deus assume a humanidade do homem Jesus, é a relação filial divina. O Cristo todo, em sua divindade e em sua humanidade, recebe o seu ser do Pai, por razão da sua unidade consubstancial com o Pai, que Lhe comunica a própria essência divina: comunhão intratrinitária. Em sua humanidade, está presente a Pessoa do Verbo, unicamente a Pessoa do Verbo

---

*ricevuta nell'umanità di Cristo e che intinacemente la perfeziona. Il pensiero di S. Tomaso é netto: l'unione di Cristo resta stanzialmente costituita come 'actu assumpta' dalla persona del Verbo”.*

**Cristologia e antropologia**, p. 178.” Cf. **S. Theo.** III, q. 2<sup>a</sup>.7, sent. III, d.7, q.2, a.1, ad1

<sup>298</sup> “L'umanità di Cristo si autoconcepisce coscienzialmente nella sua intrínseca condizione ontológica, cioè, come sostanzialmente-ipostaticamente dipendente da um soggetto trascendente, sussistente in essa” **Cristologia e antropologia**, p. 180.

<sup>299</sup> “...el realismo de la Encarnación coincide con la verdad de esta fórmula.” **Hacia una teología del progreso humano**, p. 69.

<sup>300</sup> Cf. DENZINGER, H., **Enchiridion Synbolorum. Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum**, p. 64-65. (Dz 125)

<sup>301</sup> Alfaro apresenta a consciência humana de Cristo como um movimento espiritual, que deve desembocar e realizar-se na visão de Deus. E se não fosse assim, o próprio Cristo seria um enigma.

<sup>302</sup> Cf. ALFARO, J., **Encarnación y revelación**, p. 441.

<sup>303</sup> Cf. Id., **Cristologia e antropologia**, p. 176.

de Deus que subsiste na relação com o Pai.<sup>304</sup> Assim, o Pai é o princípio último de Cristo, não somente como Verbo, mas também como Verbo Encarnado, pois Cristo é Cristo enquanto único em sua divindade e humanidade: em toda sua realidade divina-humana subsiste unicamente a Pessoa que é gerada eternamente do Pai.<sup>305</sup>

## 1.2- Significação existencial da experiência humana de Cristo

A personalidade do Verbo Encarnado presente na existência humana de Jesus revela uma relação fundante, na qual o Cristo Encarnado comunica de forma exclusiva a personalidade de Deus. A pessoa de Cristo é a Pessoa do Verbo de Deus. Isso nos traz, sem dúvida, a referência teológica necessária para encontrar nessa relação pessoal o sentido e a compreensão da integração do próprio Verbo de Deus com a humanidade. Uma relação que caracteriza o processo de descobrimento do ser humano como pessoa, pois a experiência da presença histórica do Cristo, graça da Encarnação, introduz o sentido antroposoteriológico e cristão de pessoa. A existência humana e suas dimensões participam da experiência existencial do Verbo de Deus, na esperança de vislumbrar a plenitude do ser criado à “imagem e semelhança do próprio Deus”.

Ainda neste capítulo apresentaremos três características existenciais de Cristo nas quais vive humanamente a realidade de Deus e as quais nos revelam divinamente a sua unidade de liberdade e de vontade com o Pai. Nessa experiência buscamos o significado existencial de sua humanidade: sua íntima relação com o Pai, como fonte de sua experiência religiosa; sua autoconsciência, como reflexo da comunhão filial que abre a perspectiva da visão total de Deus; e a sua opção fundamental que revela a liberdade de Cristo, como realização da vontade Salvífica do Pai. O significado existencial dessa experiência humana de Cristo encontra a sua originalidade e autenticidade na relação pessoal e filial com o Pai.

---

<sup>304</sup> Alfaro segue a compreensão de K. Rahner: somente o Filho pode se encarnar, pois enquanto Imagem Increada do Pai, pode apropriar-se de imagem criada de Deus e através da mesma se auto-revelar. Cf. Rahner, K. **Problemas actuales de Cristologia**, p. 203.

<sup>305</sup> Cf. ALFARO, J. **Cristologia e antropologia**, p. 176.

### 1.2.1- A experiência religiosa de Cristo

A experiência humana de Cristo é toda religiosa,<sup>306</sup> visto que sua situação ontológica é privilegiada e única: é uma humanidade assumida hipostaticamente pela Pessoa do Filho de Deus. Por isso Cristo se sente inteiramente orientado para Deus e sua humanidade é elevada pelo Verbo à ordem de divina Filiação. Jesus tem consciência de uma intimidade com o Pai, que lhe é própria, numa relação única, pois Deus é de modo singular o seu Pai; de modo que pode designar-se simplesmente como o Filho: uma relação mútua e exclusiva de amor e conhecimento.<sup>307</sup>

A relação de filiação se expressa por suas obras, palavras e oração. Cristo realiza as obras do Pai: os milagres testemunham a sua procedência do Pai e, em especial, a sua morte e a sua ressurreição pela salvação e libertação da humanidade. Sua Palavra revela o conhecimento de Deus, e sua oração manifesta uma relação de intimidade: Jesus se dirige a Deus com o termo arameu “Abba”, expressão de familiaridade e de uma relação pessoal.<sup>308</sup>

A experiência de Filiação de Cristo em relação a Deus Pai, que se baseia na doação do amor de Deus, constitui experiência religiosa original e privilegiada, mistério de mútua relação de amor e de obediência filial, pelo qual Cristo oferece sua vida ao Pai pela salvação da humanidade.<sup>309</sup> Jesus assume conscientemente a missão do plano de Deus e realiza a Redenção instaurando o Reino do Pai, missão que é sinal da unidade com o Pai e que Ele realiza na perspectiva desta relação filial. O núcleo íntimo de sua experiência religiosa é a relação filial, que expressa precisamente o mistério de uma relação fundante e eterna, da qual se revela a autocomunicação de Deus e na qual tem lugar o sentido de pessoa humana e a salvação/libertação da humanidade.

Cristo, em sua existência, assume revelar o mistério de sua relação pessoal com o Pai.<sup>310</sup> Ele conhece o Pai e se percebe amado como “Filho único”

<sup>306</sup> A experiência humana a que se refere Alfaro é a experiência existencial total que todo ser humano realiza pelo simples fato de existir.

<sup>307</sup> Cf. Mc 13,31; Id., **Las funciones salvíficas de Cristo como Revelador, Señor y Sacerdote**, p. 731.

<sup>308</sup> Cf. Mc 14,36; Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 80; **Teologia de los misterios de la vida de Cristo**, p. 190; JEREMIAS, J., **Teologia del Nuevo Testamento**, p. 80-87.

<sup>309</sup> Cf. ALFARO, J., *op.cit.*, p. 80.

<sup>310</sup> Cf. Id., *op. cit.*, p. 680-685.

e como seu “elegido”. Nele o Pai manifesta um amor singular e uma comunhão de vida plena, que se expressa por um conhecimento mútuo.<sup>311</sup>

A experiência religiosa de Cristo confirma o mistério de sua unidade com o Pai, uma experiência na qual o Pai permanece no Filho e o Filho permanece no Pai: experiência de relação pessoal, singular e única.<sup>312</sup>

### 1.2.2 - A autoconsciência humana de Cristo, lugar da Revelação

A experiência humana de Cristo se realiza como dependência total do Pai e se projeta em sua autoconsciência. Alfaro nos dirá que Cristo experimenta a consciência “autoluminosa” referente à sua situação ontológica. Sua consciência humana é totalmente transparente e revela a si mesma, numa relação pessoal e filial com o Pai.<sup>313</sup>

A autoconsciência de Cristo é referente e unida substancialmente à Pessoa do Verbo, Filho de Deus. Por isso sua consciência é, essencialmente, relativa ao Pai, e essa essência inclui na consciência de Cristo uma perspectiva metacategorial, a visão de Deus, ou seja, a experiência singular de comunhão eterna com o Pai. Essa relação pessoal, que chamamos de experiência religiosa, tem algo a dizer sobre a visão de Deus e encontra-se correlacionada com a consciência que Cristo tem da Pessoa do Verbo. Portanto a consciência de Cristo inclui a assunção hipostática e a visão de Deus como seu Pai: e esta é a consciência humana do Verbo. Em Cristo o Verbo vê a Deus com consciência humana.<sup>314</sup>

<sup>311</sup> Cf. Jo 1,14.18; 3,16.18; 1 Jo 4,9; Jo 10,15.15; 7,29; 8,54-55; 14,31; 15,9.12; 17,26; Id., **Cristologia e antropologia**, p. 67-70; SCHNACKENBURG, R., **La Theologie du Nouveau Testament**, p. 85-86. O evangelista João diferencia a terminologia Filiação divina de Cristo com o termo “Filho único de Deus” e o termo “filhos de Deus”, a filiação divina dos crentes. Deus é o Pai de Cristo no sentido único e singular.

<sup>312</sup> Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 79-83. Síntese da doutrina Neotestamentária sobre experiência religiosa/filial de Cristo.

<sup>313</sup> Cf. Id., **Encarnación y revelación**, p. 432.

<sup>314</sup> Id., **Persona y Gracia**, p. 26-27; **La Encarnación del Verbo y la felicidad del hombre resucitado**, p. 31-32; **Encarnación e revelación**, p. 437. Alfaro segue o desenvolvimento do pensamento de K. Rahner. Cf. RAHNER, K., **Ponderaciones dogmaticas sobre el saber de Cristo y su consciencia de sí mismo**, p. 221-243. Nesse artigo Rahner propõe uma reinterpretação de afirmações dogmáticas da Tradição e do Magistério sobre o conhecimento de Cristo e sua autoconsciência: distingue um “saber de si mesmo”, atemático, não reflexo (autocompreensão que todo ser humano tem de si mesmo, simplesmente pelo fato de existir) e a “objetivação reflexa” (conceitual) que diz respeito à experiência da Pessoa do Verbo.

A experiência religiosa de Cristo dá a entender que Deus se revela em sua consciência humana <sup>315</sup> e, enquanto Palavra do Pai, Jesus se experimenta como Filho.<sup>316</sup> A relação entre eles é tão íntima e plena, que expressa numa interpenetração, de modo que Cristo não pode ter consciência de si mesmo, a não ser que seja unida e reflexa ao Pai.

### 1.2.3 - Opção fundamental da Pessoa de Cristo

A realidade da Encarnação nos comunica a centralidade da experiência mais profunda do ser humano Jesus: viver como Filho de Deus humanizado. Essa relação filial projeta-se sobre sua opção fundamental e sobre as diversas dimensões que configuram a sua existência. Podemos refletir sobre a liberdade humana de Cristo como um processo que conduz para Deus, seu Pai. Sua liberdade expressa, pelas atitudes, sua filial relação com Deus.<sup>317</sup> De modo que Jesus vive a sua pessoalidade e o exercício de sua liberdade sendo todo para Deus, como Filho único, e sendo todo para a humanidade, uma vez que sua filiação divina, pelo mistério da Encarnação, é uma autorevelação do amor de Deus. Sua vida comunica o Pai e comunica sua relação pessoal de amor fraternal aos homens. O amor ao Pai e o amor aos homens são unidos pela opção fundamental que programa o sentido último de sua existência como entrega e oblação da própria vida.

Cristo vive sua vida em obediência filial, como expressão de sua comunhão de amor com o Pai, Fonte e Origem de sua subsistência num mesmo e único Espírito.

Alfaro preocupa-se em garantir, nessa reflexão sobre a opção fundamental de Cristo, a centralidade cristológica, baseando-se na lógica da Encarnação, que expressa a “plena divindade” e a “autêntica humanidade” de Cristo. Com isso, nos ajuda a compreender a humanidade de Cristo como processo que se realiza e se expressa em atitudes eminentemente pessoais: uma humanidade personalizada que realiza plenamente o sentido e autenticidade da pessoa humana; um processo de maturação de sua liberdade.

<sup>315</sup> Cf. DE. MIGUEL, J., M. **Revelación y fe**, p. 174-175; ALFARO, J., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 68-70; .

<sup>316</sup> Cf. Id., **Encarnación y Revelación**, p. 432-433.

<sup>317</sup> Cf. Id., **Teología de los Mistérios de la vida de Cristo**, p.190. Em virtude da Graça da Encarnação- União Hipostática, a liberdade humana de Cristo é perfeita: “*La obediencia de Cristo fue e l’acto libre de una Persona impecable*” Cf. ALFARO, J., **Maria salvada por Cristo**, p. 50.

Consideramos a Encarnação uma realidade progressiva que se realiza no tempo e que consiste em “fazer-se” pessoa.<sup>318</sup> Isso confirma o sentido de maturação da liberdade como decisão pessoal no desenvolvimento da própria existência.

A liberdade humana do Filho de Deus expressa o mistério de sua humanização: a entrega de sua própria vida manifesta o valor religioso de sua liberdade. De sua experiência religiosa brota a sua opção fundamental pelo Reino.<sup>319</sup> Da mesma forma, as suas atitudes humanas e o exercício de sua liberdade demonstram a sua vontade divina de redenção e salvação da humanidade, revelam sua experiência pessoal e filial de amor e obediência ao Pai, que realiza sua plenitude no mistério Pascal.<sup>320</sup>

Em Cristo a liberdade humana alcança sentido e valor religioso como plenitude de resposta a Deus. A liberdade de Cristo tem como referência a relação pessoal com o Pai, de modo que a sua experiência existencial comunica a sua esperança incondicional ao Pai e a solidariedade no serviço à humanidade.<sup>321</sup>

## Conclusão

Em vista da pergunta pela concepção cristã de pessoa humana, concluímos a primeira parte deste capítulo, onde procuramos focalizar a significação existencial da experiência humana de Cristo, pelo destaque dos seguintes pontos:

---

<sup>318</sup> Cf. Alfaro segue a intuição de E. Schillebeeckx que entende a Encarnação como um processo: encarnar-se significou para Jesus o processo de fazer-se homem no tempo, e destaca como momento culminante a própria Encarnação, Morte, Ressurreição e Glorificação de Jesus. Também deixa claro que este processo é visto a partir da natureza humana de Cristo, e não a partir de sua divindade, pois não pode “progredir a União hipostática.” Cf. SCHILLEBEECKX, E., **Cristo, sacramento del encontro con Dios**, p. 28-29; 33- 35.

<sup>319</sup> Cf. ALFARO, J., **Riflessioni sull’escatologia del Vaticano II**, p. 1051.

<sup>320</sup> O dilema de sua liberdade alcançou sua mais alta tensão na Cruz, na qual chegou à plenitude de sua atitude pessoal humana de Filho de Deus (Cf. Lc 4, 2-13; 19,38; Mc 8, 27-33; 9, 2-13; 12, 1-10; Jo 6, 15). A Cruz foi o momento mais significativo de sua entrega total ao Pai e do cumprimento de sua missão redentora da humanidade. A aceitação da Cruz foi o momento decisivo de sua existência humana. Ele deu sentido à sua vida na relação pessoal de entrega ao Pai e à humanidade, por amor. Assim viveu a aceitação de sua morte de Cruz com todo realismo de sua condição humana como processo e prolongamento de sua Encarnação na obediência (Cf. Hb 5, 8; 10, 9-10) Cf. ALFARO, J., **Encarnación y Revelación**, p. 444; **Las funciones salvíficas de Cristo como Revelador, Señor, y Sacerdote**, p. 740-741; **Fe y existencia cristiana**, p. 18-19; **Significatio Mariae in Mysterio Salutis**, p. 16-18.

<sup>321</sup> Id., **Escatologia, hermenéutica y lenguaje**, p. 241.

I - A humanidade e a divindade de Cristo são devidamente distinguidas e ponderadas por Alfaro que, integrando-as no único mistério salvífico-libertador, manifesta a Revelação de Deus na história humana.

II - A experiência humana de Cristo é experiência religiosa que se constitui como dimensão fundamental de sua humanidade, de modo que sua autoconsciência humana é lugar da Revelação do Pai: em Cristo temos acesso ao Pai.

III - Cristo viveu sua opção fundamental na esperança radical em respeito ao Pai e na solidariedade com a humanidade, entregando sua própria vida. Sua existência revela obediência e solidariedade encarnatória, de modo que a opção fundamental de Cristo é fundamento da existência humano-cristã.

IV - A unidade da experiência humano-divina de Cristo ilumina a experiência de integridade espírito-corpórea do ser humano, no processo de relação pessoal e de resposta à interpelação de Deus e Cristo.

V - A originalidade de nossa vocação<sup>322</sup> fundamenta-se na experiência religiosa do homem Jesus Cristo, que se relaciona de modo pessoal e filial com o Pai.<sup>323</sup>

### 1.3- Significado salvífico da existência humana de Cristo

O mistério da Encarnação revela a presença da Pessoa do Verbo Encarnado que, assumindo a natureza humana e vivendo a existência em sua totalidade e complexidade, autocomunica o Pai. A Encarnação expressa a unicidade de Cristo que realiza em si mesmo a plenitude definitiva de toda existência humana.<sup>324</sup> Nessa perspectiva de reconhecer na Pessoa de Cristo o sentido salvífico de toda pessoa humana, apresentamos algumas dimensões que Alfaro considera fundamentais na existência humana de Cristo e que expressam o conteúdo salvífico de sua humanidade para todo ser humano.<sup>325</sup>

<sup>322</sup> Cf. Id., **Persona y Gracia**, p. 27-28.

<sup>323</sup> Cf. Ibid., p. 26. “*la actitud fundamental del hombre Jesús para con Deus es la expresión-realización humana de su Filiación divina, es decir, su respuesta humana plena a la absoluta donación de Dios como su Padre.*” **Cristo Sacramento de Dios Padre**, p. 21. “*En su Hijo, hecho hombre, Dios se hace Padre de los hombres y los llama a la intimidad de su vida intradivina.*” Ibid., p. 22.

<sup>324</sup> Cf. ALFARO, J. **Riflessioni sull’escatologia del Vaticano II**, p. 1050; Hb 10, 10.

<sup>325</sup> Cf. Id., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 73; **Encarnación y revelación**, p. 434; 452-453.

### 1.3.1- Centralidade de Cristo: finalidade do universo

Toda realidade do mundo e da existência humana encontra-se ordenada, no sentido da centralidade da Pessoa de Jesus Cristo, princípio e fim do Universo.<sup>326</sup> Cristo assume em si e eleva o destino do universo, realizando a plenitude na totalidade/unidade do seu mistério salvífico-libertador.<sup>327</sup> Pois o mundo criado para o ser humano e o próprio ser humano, como vértice de toda criação, foram criados e finalizados em Cristo.<sup>328</sup> Cristo é a finalidade do homem e do mundo através do homem.<sup>329</sup>

A Encarnação, como graça, representa a única plenitude absoluta do mundo e do ser humano.<sup>330</sup> Assim, toda a criação tem em Cristo seu centro permanente de sustentação, de unificação e de finalização. Essa orientação final da existência humana em Cristo confirma-se no homem Jesus, que vive sua relação no mundo como Filho de Deus, “por quem tudo foi feito”. A criação da humanidade de Cristo tem fundamento na união hipostática<sup>331</sup>, ato próprio do Filho de Deus, que cria seu próprio ser humano ao apropriar-se dele pessoalmente. Essa realidade cristológica se estende a toda a criação,<sup>332</sup> pois pela Encarnação o destino definitivo da humanidade e da criação encontra-se vinculado ao destino de Cristo. Por isso toda a criação em seu conjunto é conduzida por Cristo à plena integração. Nele e no mistério da Encarnação encontra-se a centralidade e a profundidade da existência marcada pela sua presença redentora e reconciliadora.<sup>333</sup>

<sup>326</sup> Cf. Id., **Riflessioni sull’escatologia del Vaticano II**, p. 1050.

<sup>327</sup> Cf. Id., **Speranza Cristiana e liberazione dell’uomo**, p. 168. 143-181.

<sup>328</sup> Cf. Id., **Speranza Cristiana e liberazione dell’uomo**, p. 152; **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 38-39.58.

<sup>329</sup> Cf. MOLTMANN, J. **Teologia della Speranza**, p. 219-266.

<sup>330</sup> Alfaro acentua a encarnação como ponto fundamental de absoluta plenitude da pessoa humana. Faz um comentário sobre Teilhard de Chardin que não destacou com clareza a transcendência absoluta da Encarnação sobre o universo e sobre o homem. E acentua que se deve reconhecer a interna finalização do mundo e da existência humana e a plenitude definitiva do ser humano em Cristo. Alfaro ainda afirma que o homem, como espírito no mundo, não pode alcançar por si mesmo a personalização suprema, possível pela Encarnação. O ser humano representa somente a capacidade radical da graça absoluta da Encarnação; e deve-se afirmar que somente pela Encarnação o homem e o mundo chegam ao aperfeiçoamento absoluto. Cf. ALFARO, J. **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 66- 67 (nota)

<sup>331</sup> “La existencia de Cristo tiene su ultimo fundamento en la unión hipostática, a saber, en el acto increado por el que el Hijo de Dios se apropria personalmente el ser corporeo-espiritual del hombre para obrar y revelarse en él” Ibid., p. 70.

<sup>332</sup> Cf. Ibid., p. 70- 72. Alfaro cita que esta reflexão sobre a criação da humanidade de Cristo no ato mesmo de sua apropriação pessoal pelo Verbo foi expressamente afirmada por santo Agostinho e são Leão Magno. Conferir nota da página citada acima. Cf. COLLINS G. O., **La encarnación**, 93-113.

<sup>333</sup> “La creazione è integrata nel destino dell’uomo, nella sua cristofinalizzazione” Id, **Speranza cristiana e liberazione dell’uomo**, p.148. Alfaro se fundamenta na teologia paulina para afirmar a

O senhorio de Cristo ressuscitado se estende à humanidade, ao mundo e à história: Cristo ressuscitado é Senhor do universo. O existencial crístico se estende a toda a criação, inserindo-se esta na capacidade radical para ser renovada pelo Filho de Deus e levada à plenitude. Por isso a criação toda encontra em Cristo a integração plena: o existencial crístico é a dimensão ontológica mais profunda de toda criação.<sup>334</sup> Pela Encarnação a criação toda está vinculada ao destino de Cristo.

Na dimensão mundana da existência de Cristo está o sentido da ação transformadora da pessoa sobre o mundo, para que aconteça o progresso da humanidade como integração total na salvação-libertação da pessoa e do mundo.<sup>335</sup> O mundo está finalizado em Cristo, de modo que a pessoa ‘cristiforme’ transforma o mundo, se humaniza e atualiza suas relações pessoais na direção da relação pessoal com Cristo. A ação da pessoa sobre o mundo é atuação e expressão da glória do Senhor.<sup>336</sup>

### 1.3.2- A singularidade do tempo de Cristo

A Temporalidade em Cristo é totalmente singular: expressa a dimensão interna da existência pela qual o ser humano se realiza nas decisões de sua liberdade.<sup>337</sup>

O tempo cronológico de Cristo é um tempo fundado e finalizado em sua união hipostática. É um tempo supratemporal no qual Cristo participa da eternidade divina. No ápice de sua relação pessoal com o Pai, na experiência suprema de seu espírito, Ele vive o mistério eterno de Deus. Seu tempo é orientado para a eternidade.<sup>338</sup> Sua Encarnação, que O faz presente em nosso tempo, supera os limites de nossa temporalidade e revela sua dimensão interna

---

“subordinação do universo” a Cristo como parte de sua função redentora e reconciliadora. Cf. hinos cristológicos: Cl 1,15-20, Ef. 1,10.20-23; 3,11. Cf. Ibid., 153.

<sup>334</sup> Cf. **Hacia una teología del progreso humano**, p. 72.

<sup>335</sup> “...su acción sobre el mundo debe conducir el universo hacia el progreso de la humanidad y finalmente hacia su plenitud definitiva em glória de Cristo y de los hombres” Ibid., p.81.

<sup>336</sup> Cf. Ibid., p. 65.

<sup>337</sup> “... Per temporalità dell’uomo, intendo quella dimensione interiore della esistenza, per la quale si sente chiamato a farsi nelle decisioni (mai piene) della libertà nel mondo, ed coscienza (non semplicemente ricordo) del perdurare di se stesso nelle diverse azioni del suo decidere e operare sul mondo...” ALFARO, J., **Speranza cristiana e liberazione dell’uomo**, p. 14 (nota).

<sup>338</sup> Id., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 73-74. A temporalidade de Cristo supera o nosso tempo, pois por sua relação filial participa da vida eterna de Deus.

como último e definitivo, o que o confirma como “Eschaton”.<sup>339</sup> É uma realidade que se configura no mistério Pascal, na morte e na ressurreição, manifestando a finalização do tempo em Cristo.<sup>340</sup> Com ressurreição tem início a plenitude escatológica da existência humana de Cristo, e n’Ele e por Ele realiza-se a possibilidade de toda pessoa transcender a finitude temporal, participando e inserindo-se na temporalidade de Cristo. O tempo de Cristo é salvífico, em virtude de sua comunhão e participação em Deus.<sup>341</sup>

A pessoa e o mundo entram nessa nova dimensão temporal como participantes, experimentando uma abertura para a eternidade, realidade escatológica. Dessa forma, apesar da provisoriedade do tempo humano e dos limites que expressam a força desintegradora do pecado, a presença temporal de Cristo, por causa do poder de sua Encarnação, imprime na pessoa a orientação vital para transcender ao tempo e entrar na eternidade participada.<sup>342</sup>

A relação pessoal com Cristo, que se constitui a Pessoa como tal, abre para pessoa humana a perspectiva de transcender sua própria temporalidade finita e orientar-se para a eternidade. O tempo humano conta com a graça de ser assumido pelo Verbo Encarnado: pela Encarnação o tempo da pessoa integra a eternidade de Deus. E o tempo da história humana tem sua garantia salvífica em Deus.

### 1.3.3- Cristo novidade absoluta da história

A manifestação de Cristo na história representa uma novidade absoluta e pontua a obra do poder criador de Deus. Sua Encarnação estabelece uma nova era, e em sua Pessoa e em sua obra encontra-se o presente, realizando-se o Reino definitivo de Deus.<sup>343</sup> É um tempo novo de salvação e de libertação para

<sup>339</sup> Cf. RUIZ DELA PEÑA, J.L., **La outra dimensión**, p. 43. 17-45. LIBANIO J. B., BINGEMER M. C., **Escatologia cristã**, p. 74-145.

<sup>340</sup> Id, **Cristo, avvenimento escatológico per l’umanità, per la storia e per il mondo**, in: *Speranza cristiana e liberazione dell’uomo*, p. 131-140; **Riflessioni sull’escatologia del VaticanoII**, p. 1050.

<sup>341</sup> *Ibid.*, p. 1050.

<sup>342</sup> Cf. **Speranza cristiana e liberazione dell’uomo**, p. 138-139.

<sup>343</sup> Cf. *Ibid.*, p. 138-139.

toda pessoa humana e para o mundo, pois a Encarnação implica a salvação do mundo e da história. Na humanidade de Cristo, Deus faz a historicidade em nossa existência e assume nossa humanidade, participando de nossa história. Assim, somos integrados e plenificados numa relação pessoal com o Criador, que confere sentido à nossa história, marcando-a com o sinal salvador da presença de seu Filho, o Cristo, e transformando-a em história de salvação.<sup>344</sup>

A história, em sua projeção para o futuro, alcança sua definitividade e plenitude com a Ressurreição de Cristo,<sup>345</sup> porquanto, pelo Mistério da Páscoa, a história de Cristo acolhe a história de toda a humanidade como história de salvação, e antecipa a história de toda pessoa como Ressurreição dos mortos.<sup>346</sup> A abertura constitutiva do homem a Deus é transformada na perspectiva do encontro imediato com Ele, na Visão beatífica, ou seja, na plenitude de todas as dimensões em Deus.<sup>347</sup>

A graça de Cristo chama a pessoa a construir a história sob o sinal da esperança em um futuro aberto para a novidade plena de Deus.<sup>348</sup>

### 1.3.4- Cristo, centro-idade da pessoa e de toda humanidade

Toda pessoa traz em si a referência de sua relação pessoal com Deus e com os outros. A existência expressa uma comunhão interpessoal. A graça de Cristo leva a plenitude à dimensão comunitária da pessoa. Pela Encarnação, pelo Mistério Pascal e pelo envio do Espírito Santo, realiza-se a unidade de toda pessoa humana, bem como de sua comunidade, na condição de pessoa e

<sup>344</sup> Cf. *Ibid.*, p. 138-140.

<sup>345</sup> “*Parlando della Salvezza futura come ‘pienezza’, è necessario evitare ogni ambiguitá, facendo una chiara distinzione fra la ‘pienezza’ própria di Dio (Cl 2, 9; Ef. 3, 19), la ‘pienezza’ propria de Cristo risorto come unificatore dell’umanitá, della creazione e della storia (Cl 1, 15-19; Ef1, 10.23; 4, 10.13; Fl 2, 10; 3, 21; Hb 2, 5-8), e la ‘pienezza’ della chiesa, della comunitá umana e della sua storia salvate da Cristo (Ef1, 23; 3, 19). ‘tutto è vostro, ma voi siete di Cristo, e Cristo è di Dio’ (Cor 3,22): questa espressione sintética di S. Paolo fa una precisa distinzione dell’ordine interno all’economia della salvezza: Dio, Cristo, l’uomo, il mondo. Nella moderna teologia della storia e della speranza appaiono, a volte, delle espressioni che sembrano coinvolgere, in uno stesso tutto, Dio e la storia, il Futuro assoluto (la pienezza trascendente di Dio) e il futuro della storia come totalitá della stessa. Questa ambiguitá non tradisce forse l’influsso dell’ idealismo hegeliano? Il ‘futuro assoluto’ é Dio, e Dio solo; il futuro di Cristo è la futura manifestazione della sua Risurrezione; il futuro dell’umanitá e della storia è la loro partecipazione e assunzione allá gloria di Cristo. Dio sara tutto in tutti (I Cor15, 28) nella rivelazione definitiva agli uomini in Cristo”.* **Speranza cristiana e liberazione dell’uomo**, p. 178. (nota)

<sup>346</sup> Cf. *Ibid.*, p. 177-180

<sup>347</sup> Cf. *Ibid.*, p. 180.

<sup>348</sup> Cf. *Id.*, **Cristologia e antropologia**, p. 541-551.

comunidade salva e liberta em Cristo: Cristo é o centro unificador de toda pessoa, de toda a humanidade.

A dimensão comunitária da existência humana é elevada à plena realização da humanidade nova em Cristo. Em razão disso, toda pessoa é marcada pela graça eclesial de Cristo,<sup>349</sup> uma vez que este está vinculado ontologicamente a toda a humanidade pela graça da Encarnação, de tal modo que a humanidade é elevada e divinizada na Humanidade de Cristo. Na Encarnação, a comunidade humana está destinada, em Cristo, à união com Ele mesmo e com Deus, em seu mistério Pessoal.<sup>350</sup>

Em Cristo a humanidade alcança uma nova e misteriosa unidade, a unidade da “adoção filial”. Trata-se de uma nova relação de filiação, na qual se constitui e fundamenta a fraternidade universal, a provocar uma nova finalização para a humanidade e para o mundo. Em conseqüência disso, o “existencial crístico” impulsiona o sentido comunitário da pessoa e de suas relações, numa perspectiva de realização social no amor e na solidariedade.<sup>351</sup>

### 1.3.5- Cristo, Último e Definitivo

Cristo assume a nossa salvação e libertação com todas as conseqüências, inclusive a morte. O enigma da morte se apresenta de modo radical na economia da graça.

Cristo assume a morte como concretização do pecado e como realização da fidelidade incondicional: entrega absoluta de si mesmo ao Pai para a salvação do mundo. Esses dois aspectos se complementam para realçar o significado salvífico. Em Cristo a existência humana tem novo sentido.<sup>352</sup>

A atitude de Cristo diante da morte é coerente com sua atitude diante da vida. Frente ao fracasso existencial da morte, viveu sua vida na entrega confiada ao Pai e no amor à humanidade. Também viveu a aceitação filial da morte na livre entrega de sua existência, como obediência à vontade do Pai e

<sup>349</sup> Cf. Id., **Cristo, sacramento de Dios Padre**, p. 16-20; SCHILLEBEECKX, E. **Cristo, sacramento del encuentro con Dios**, p. 22-25.

<sup>350</sup> Cf. **Cristo, sacramento de Dios Padre**, p.8.

<sup>351</sup> Cf. **Hacia una teología del progreso humano**, p.74-76; GONZÁLEZ FAUS, J.I., **Proyeto de hermano**, p. 160-163.

<sup>352</sup> Cf. **Riflessioni sull'escatologia del Vaticano II**, p.1051-1052; **Speranza cristiana e liberazione dell'uomo**, p.150.

solidariedade com a nossa existência.<sup>353</sup> Assumiu a morte por nós e em nosso lugar como uma inclusão solidária de nosso destino de morte em sua morte.

Dessa forma, Cristo abre uma nova perspectiva de reconciliação com Deus, de modo a que, superando a fragilidade temporal, a sua existência entra plenamente na duração de uma “eternidade participada”.<sup>354</sup>

O acontecimento Cristo em sua totalidade e unidade é escatológico, pois em cada momento de sua vida se cumpre a salvação definitiva da humanidade. Nele atua a liberdade da Pessoa do Verbo de Deus, com sua vontade salvífica: Cristo é um sacramento escatológico.<sup>355</sup> Sua Morte e Ressurreição expressam a tensão histórica para o Futuro Absoluto, fato que concede o caráter escatológico à sua vida e leva à plenitude o processo histórico da Encarnação.<sup>356</sup>

A ressurreição de Cristo é dom absoluto e imprevisível do poder de Deus, expremindo a tensão dialética entre a promessa e o cumprimento, o “já” e o “ainda não”. É acontecimento que cria o futuro, que leva ao cume e recapitula a existência, antecipando a salvação futura da humanidade e do mundo.<sup>357</sup> A ressurreição inaugura o futuro absolutamente novo e imprevisível porque é o Futuro de Deus.<sup>358</sup>

### **1.3.6- Existencial Crístico: plenitude de sentido da humanidade e do mundo**

Alfaro vê em Cristo a realização plena da pessoa e de suas dimensões fundamentais, realizadas na plenitude do Verbo Eterno Encarnado. É a principal fundamentação do existencial crístico do ser humano e do mundo. Toda a criação é assumida pelo Filho de Deus e é conduzida pelo seu Espírito até a plenitude da consumação, numa dimensão profunda e de sentido pleno, revelando-nos a pessoa humana como parte do acontecimento Cristo.

<sup>353</sup> Cf. *Significatio Mariae in Mysterio salutis*, p. 15-16; *Cristo, Sacramento de Dios Padre*, p. 9-11; *Cristologia e antropologia*, p. 85; *Riflessioni sull’escatologia del Vaticano II*, p. 1051-1052.

<sup>354</sup> Cf. *Id.*, *Hacia una teologia del progreso humano*, p. 78

<sup>355</sup> Cf. *Id.*, *Riflessioni sull’escatologia del Vaticano II*, p. 1049.

<sup>356</sup> Cf. *Id.*, *Speranza cristiana e liberazione dell’uomo*, p. 134-136; 170.

<sup>357</sup> Cf. *Ibid.*, p. 173

<sup>358</sup> Cf. *Ibid.*, p. 174-175.

## 2- As funções salvíficas de Cristo como fundamento da humanidade crística

### Introdução

Tendo refletido sobre o significado existencial da experiência humana de Cristo, reflexão que nos ajuda a compreender a constituição ontológica-existencial da Encarnação e a centralizar a personalidade de Cristo, Verbo de Deus, queremos agora compreender existencialmente a presença encarnatória do Filho de Deus e sua funcionalidade. Para isso, consideramos a Encarnação como uma categoria-chave hermenêutica<sup>359</sup> e paradigmática de uma antropologia integrada, redimida em Cristo, e de uma soteriologia existencial que assume a complexidade e a totalidade da pessoa em suas dimensões.

A atuação salvífica de Cristo, pessoa do Verbo Divino, é constitutiva para uma concepção cristã de pessoa humana. Sua função salvadora, que permeia a história, o mundo e todas as formas possíveis de relações pessoais, é núcleo fundamental que, estabelecendo-se a partir da relação Pessoal-Filial com o Pai, constitui a compreensão da existência humana e cristã.

A funcionalidade salvífica de Cristo remete a uma perspectiva antropológica na qual a realidade e a identidade da pessoa humana adquirem sentido teológico e soteriológico, enquanto a presença salvífica do Filho de Deus na história humana revela uma intimidade relacional com o Pai e, ao mesmo tempo, comunica a graça participativa que identifica a totalidade da pessoa humana, na experiência de relação pessoal com o próprio Deus, em Cristo Revelador, Senhor e Sacerdote.<sup>360</sup>

Alfaro nos apresenta o mistério de Cristo a partir de três funções que atualizam a sua constituição ontológica: Reveladora, Senhorial e Sacerdotal<sup>361</sup>. Essas funções são apresentadas sob a luz do acontecimento Cristo, centralizado no fato inaudito da Encarnação: autocomunicação de Deus com a pessoa humana; fundamento da resposta humana-pessoal na fé; revelação de Deus e descoberta da pessoa identificada numa relação salvífica-libertadora.

<sup>359</sup> Cf. DE MIGUEL, J.M., **Revelación y fe**, p. 166

<sup>360</sup> Alfaro parte do dado bíblico-patristico para aprofundar as diversas funções salvíficas de Cristo, nas quais são atualizadas e realizadas a mediação de sua Graça. Onde se constitui a auto-comunicação salvífica de Cristo e se apresenta a identidade da pessoa humana na relação pessoal com Cristo. Cf. ALFARO, J., **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor y Sacerdote**.

<sup>361</sup> Cf. LÓPEZ AMAT, A., **Cristo ressuscitado**, p. 297.

As funções indicam a integridade salvífica do Evento Cristo: a função reveladora é integrada na função sacerdotal e na função senhorial. A função senhorial provém da glorificação definitiva de Cristo que atua como sacerdote, pela força do Espírito Revelador do Pai.

Queremos, por conseguinte, refletir sobre as funcionalidades salvíficas de Cristo, considerando-as como fundamentos da experiência existencial da Graça de Deus. Pela Graça se estabelece a relação pessoal de Deus com a pessoa humana, mediada por Cristo. Na primazia da Graça divina, Deus mesmo se revela plenamente, oferece a gratuidade de sua salvação e ainda des-vela a pessoa humana, dando-lhe a compreensão de que sua existência integrada ao mundo e marcada na história é fundada em Cristo.

## 2.1- Cristo Revelador do Pai aos seres humanos

Alfaro nos fala da Revelação de Deus numa perspectiva personalista: Deus não nos revela “verdades conceituais”, mas revela a si mesmo através de sua Palavra encarnada na história; revela-se em palavras e gestos que sinalizam o seu único Revelador, Seu Filho, o Cristo.<sup>362</sup> A Encarnação é, pois, fundamentalmente Revelação.<sup>363</sup> Revelação do Pai e revelação da existência humano-cristã em sua totalidade/unidade com o mistério da Encarnação. Desse modo a revelação de Deus acontece por “palavra e gestos”, bem como pela ação do Espírito no coração humano, capacitando por graça a pessoa para acolhê-la como Palavra de Deus.

Cristo é o Revelador do Pai: o Pai se revela a Cristo em sua humanidade, como homem, e desta relação Pessoal o Cristo revela o Pai aos seres humanos.<sup>364</sup> Da unidade divina e humana de Cristo é que nasce a sua função

<sup>362</sup> Cf. DV, 2

<sup>363</sup> ALFARO, J., *Encarnación y Revelación*, p. 440. Esta afirmação traz consequência para a reflexão de Alfaro. A partir deste pressuposto, ele investiga mais o aspecto formal da Revelação que o aspecto material. Parte de Cristo como revelador do Pai, fundamenta o cristocentrismo da revelação e da fé e acentua sua dimensão escatológica. Cf. *Cristologia e antropologia*, p. 156-204; CITRINI, T., *Gesú Cristo rivelatore di Dio*, p. 107-117; LÓPEZ AMAT, A., *Cristo resuscitado*, p. 253-273; DE MIGUEL, J. M., *Revelación y fe*, p. 157-201. De Miguel apresenta a ação iluminante do Espírito na acolhida da Palavra como Palavra de Deus. E assinala que nessa visão personalista da Revelação, Alfaro supera o “extrinsecismo” que estava presente na concepção de Revelação divina da escolástica. Alfaro também resgata S. Tomás, reconhecendo “a função iluminante da graça na fé”. Cf. *Cristologia e antropologia*, p. 439-441.

<sup>364</sup> Cf. ALFARO, J., *Cristo, sacramento de Dios Padre*, p. 7-8; *Encarnación y Revelación*, p. 450.

reveladora, em plena coerência com sua constituição ontológica e com a consciência que tem de si mesmo.<sup>365</sup> Por isso, a missão fundamental de Cristo é auto-revelar-se, comunicando sua própria experiência de Filiação, experiência de Deus como Pai. Na medida em que Cristo se auto-revela, se revela como Filho, e, ao se revelar como Filho, revela o Pai. Em Cristo, o Pai se revela como Pai nosso. Assim, na base da função reveladora de Cristo encontra-se o relacionamento pessoal trinitário que Cristo comunica aos seres humanos. O Conhecimento de Deus é único, e só Deus mesmo pode dar a conhecê-lo.<sup>366</sup>

Para Alfaro, essa experiência fundamental é a revelação metacategorial, experiência que vai além da categoria própria de revelação, mas que expressa a totalidade/unidade de todo Evento Cristo: a Encarnação é Revelação; a Revelação é Salvação.<sup>367</sup> Três aspectos de uma mesma realidade que nos comunicam a presença e a relação pessoal de Deus com a humanidade, na pessoa de Seu Filho, o Cristo.<sup>368</sup>

Compreendemos a mútua imanência das dimensões do mistério de Cristo como única realidade salvífica: a Encarnação é fundamento da Revelação e da fé, pois pela Encarnação chega a humanidade à plenitude do amor do Pai - experiência que é graça de Deus, realidade de caráter sobrenatural e salvífico que se funda no acontecimento libertador da Encarnação. A Palavra de Deus oferecida à humanidade pela Revelação e a Palavra de Deus Encarnada constituem um mesmo acontecimento de Salvação. Cristo, sendo a Palavra pessoal do Pai que se faz homem, revela-O, exercendo a função salvífica de autoadoção de Deus a toda a humanidade.<sup>369</sup>

Cristo e sua existência, sua ação e sua linguagem são expressões do seu próprio conhecimento de Deus como seu Pai. Sua experiência se realiza em nossa condição humana limitada e manifesta, por suas palavras e seus atos, o mistério do Divino.<sup>370</sup>

<sup>365</sup> Cf. Dz (301-302) – formulação do Concílio de Calcedônia - 351. Alfaro tem bem presente o dogma de Calcedônia. Cf. ALFARO, J. **Cristo glorioso, revelador do Pai**, p. 255, (nota 59); **La encarnación del verbo y la felicidad del hombre resucitado**, p. 32 (nota 9). Ainda sobre o dogma de Calcedônia: Cf. WIEDERKEHR, D., **Esbozo de cristologia sistemática**, p. 493.

<sup>366</sup> Cf. ALFARO, J. **Encarnación y revelación**, p. 438-439.

<sup>367</sup> Cf. *Ibid.*, **Encarnación y revelación**, p. 445.

<sup>368</sup> DE MIGUEL apresenta e analisa a relação entre as três dimensões do Mistério de Cristo: Revelação, Encarnação e Salvação. Cf. DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 187-189.

<sup>369</sup> Cf. ALFARO, J., **Incarnazione e rivelazione: Cristo, fundamento della fede**, p. 448-451.

<sup>370</sup> Cf. *Id.*, **Encarnación y revelación**, p. 437-439. 447; **las funciones salvíficas de cristo como revelador, Señor e Sacerdote**, p. 734. Alfaro faz distinção entre a “revelação criada categorial”, e a tradução em categorias humanas da experiência transcendental “revelação criada transcendental”: a distinção de Alfaro é para realçar a complementaridade. Ambas são repercussão da Revelação Increada (a comunicação de Deus em seu Filho). Cf. *Id.*, **Encarnación y**

A função de Cristo como revelador do Pai nos conduz a uma abordagem fundamental do caráter salvífico-libertador do acontecimento Cristo na história humana. A centralidade do acontecimento se vive e se realiza na existência humana, na resposta pessoal à fé teológica, em íntima relação com a dimensão formal da Revelação. A dimensão formal e personalista da revelação é o fundamento de uma teologia da fé que sustenta a antropologia teológica, centrada na relação pessoal com Deus, na gratuidade da autocomunicação e aberta às dimensões fundamentais da existência humana.

## 2.2- Cristo Senhor

O Mistério da Páscoa: Morte e Ressurreição significa o triunfo definitivo de Cristo e a potência de seu Espírito.<sup>371</sup>

O Mistério Pascal abre a perspectiva da presença do Espírito Santo como realização das funções salvíficas de Cristo, especialmente como Revelador e Senhor. Na Ressurreição gloriosa de Cristo descobrimos o Espírito como Senhor que dá a vida, Espírito vivificante.<sup>372</sup>

Sob a luz da fé Pascal, Cristo é reconhecido em sua função senhorial,<sup>373</sup> e sua presença está vinculada ao anúncio do Reino como proclamação de sua soberania salvífica, como perdão dos pecados e como vitória sobre o poder do mal. Na presença salvífica institui-se a comunidade Igreja como sinal e visibilidade da salvação<sup>374</sup> e da aliança definitiva.<sup>375</sup>

A realidade da glorificação e da ressurreição sinaliza a presença do Senhor que nos dá e envia o seu Espírito como um dom escatológico. A consequência desta presença inefável como dom é o amor fraterno, que eleva as relações humanas à comunhão de uma vida nova, finalizada na participação

---

**Revelación**, p. 453; DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 179-180; **Cristologia e antropologia**, p. 451.

<sup>371</sup> Cf. LÓPEZ AMAT, A. **Cristo, Resucitado**, p. 299. Para Amat o senhorio de Cristo tem como atuação salvífica a missão do Espírito Santo. A autocomunicação de Deus é comunicação do Espírito. Alfaro assinala que na teologia de seu tempo falta relevo para a reflexão sobre o Espírito Santo.

<sup>372</sup> Cf. 1 Cor 15, 45; ALFARO, J. **Speranza cristiana e liberazione dell'uomo**, p. 143-147. **Cristologia e antropologia**, p. 53.

<sup>373</sup> Cf. Id., **Cristologia e antropologia**, p. 209; 217. O título “Senhor” corresponde ao núcleo da fé cristã do Kerigma. É o cumprimento da promessa salvífica de Deus no acontecimento da morte e ressurreição de Cristo.

<sup>374</sup> Cf. Id., **Las funciones salvíficas de Cristo como Redentor, Señor y Sacerdote**, p. 751.

<sup>375</sup> Cf. Ibid., p. 714.

da vida divina em Cristo. Assim, o ser humano é orientado pelo Espírito Santo à comunhão com o Cristo Glorioso. O Espírito do Senhor ressuscitado tem uma função “cristiforme”:<sup>376</sup> na existência cristã o Espírito une a pessoa a Cristo e o configura em Cristo com o selo de uma orientação escatológica.<sup>377</sup>

O título Senhor é expressão da primitiva fé cristã na Ressurreição de Jesus.<sup>378</sup> O Cristo ressuscitado participa da soberania de Deus Pai, que é exercida pelo poder do seu Espírito. O Espírito do Senhor conduz ao aceso para que o ser humano possa participar da união filial de Cristo com o Pai.<sup>379</sup> O reconhecimento do Senhorio de Jesus como Dom do Espírito significa o reconhecimento de sua função salvífica-libertadora e da paternidade universal de Deus.

A função de Cristo como Senhor implica sua exaltação gloriosa e o envio de seu Espírito, princípio de vida nova. Nesse senhorio se realiza o Reino de Deus, pois o Reino é inaugurado na Pessoa e na obra de Cristo,<sup>380</sup> tendo como exigência uma existência marcada pela presença e novidade do Espírito Santo, aquele que transforma radicalmente o coração, dimensão mais profunda da pessoa.<sup>381</sup>

### 2.3- Cristo Sacerdote

Na Encarnação está contida a Morte e a Ressurreição de Jesus. São três momentos do mesmo Mistério Salvífico no qual o Filho de Deus se faz humano.

<sup>376</sup> Cf. Id., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 94.

<sup>377</sup> Cf. Ibid., p. 79. (Lc. 24, 39; Atos 1, 4-5; 2, 17-18. 33. 39. 41. 47; 4, 31; 5, 32; 8, 15-18; 10, 47-48; 19, 5-7).

<sup>378</sup> Cf. No título “Senhor” encontramos o caráter cristológico-soteriológico-escatológico do mistério Pascal e da manifestação do Espírito do Ressuscitado. Cf. **Las funciones salvíficas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 715; **Riflessioni sull’escatologia del Vaticano II**, p. 1053.

Alfaro enuncia os aspectos fundamentais da visão teológica neotestamentária sobre o sentido salvífico da Ressurreição de Cristo, referendado também pelo Concílio Vaticano II: Cf. **Hacia una teología del progreso humano**, p. 30-36. A Ressurreição de Cristo, aceitação de sua morte pelo Pai; Cristo ressuscitado, primícia e garantia de nossa ressurreição; O Espírito, Dom do ressuscitado; a plenitude futura da história, cumprida antecipadamente na glorificação de Cristo; a humanidade, o mundo e a história finalizados em Cristo Glorioso; tensão da escatologia cristã entre o ‘já’ e o ‘ainda não’; mediação de Cristo glorioso na participação futura da humanidade ressuscitada na vida de Deus.

<sup>379</sup> Cf. Ibid., p. 79

<sup>380</sup> Cf. Id., **Las funciones salvíficas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 749.

<sup>381</sup> Cf. Ibid., p. 696; 737.

Todo Mistério de Cristo tem significado salvífico para a humanidade.<sup>382</sup> Na Pessoa de Cristo encontra-se a centralidade da Nova Aliança que se realiza pela oblação de sua vida, na qual é manifesta a idéia predominante de solidariedade.<sup>383</sup>

O sacerdócio de Cristo é solidário, solidariedade com todos, sendo essa a marca de seu significado salvífico: Ele experimenta em sua vida, sobre si mesmo, as debilidades da existência humana, exceto o pecado.<sup>384</sup>

Centralizamos nossa compreensão sobre a função sacerdotal de Cristo, na experiência de um sacerdócio solidário. Ele, o grande sacerdote da nova Aliança, se fez solidário, assumindo a existência humana e a experiência de sofrimento. Por meio do sofrimento, da tentação e da morte, torna-se o mediador perfeito.<sup>385</sup> Toda sua obra redentora é uma mediação sacerdotal que comunica a solidariedade de Deus, o qual pessoalmente vem ao encontro.

A função sacerdotal baseia-se na oblação da vida de Cristo. A ressurreição é a plenitude de sua oblação ao Pai e aos irmãos, e sua morte tem um caráter de oblação definitiva e perfeita. Cristo é o único sacerdote e sua função sacerdotal é eterna, em contínua realização, como prolongamento da Cruz.<sup>386</sup> Sua função sacerdotal confere a Ele a missão de intercessor, ressuscitado uma vez para sempre: está sempre vivo, eternamente, para interceder pelos seres humanos.<sup>387</sup>

Alfaro interpreta a função sacerdotal de Cristo como expressão de sua atitude filial em relação ao Pai e de solidariedade respeitosa à humanidade. Ao entregar a própria vida como oblação, cumpre a missão de redenção conferida pelo Pai e exerce o amor universal. O seu sacerdócio é antes de tudo uma função existencial que provoca solidariedade com as diversas realidades da vida humana.<sup>388</sup> Todas as dimensões da pessoa encontram-se sob a ação solidário-salvífica de Cristo sacerdote.

<sup>382</sup> Cf. ALFARO, J., *Significatio Mariae in mysterio salutis*, p. 16-18. No artigo sobre a graça de Cristo e a graça do Cristão no NT, Alfaro fundamenta a compreensão do Mistério Salvífico a partir da Tradição primitiva e da Escritura – Novo Testamento. Cf. **Cristologia e antropologia**, p. 46-113.

<sup>383</sup> Cf. Id., *Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote*, p. 698.

<sup>384</sup> Cf. Hb 2, 11-18; 4, 15; 5, 7-8; 2, 10; 6, 20.

<sup>385</sup> Cf. ALFARO, J., *Teologia del sacerdocio de Cristo*, p. 127.

<sup>386</sup> Cf. Id., *Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote*, p. 701-702; **Teologia del sacerdocio de Cristo**, p. 126- 127.

<sup>387</sup> O Evangelista João alude a esta auto-oblatividade de Cristo como intercessor na cruz e acentua o aspecto interior e voluntário de seu sacrifício. (Jo 10, 15-18; 14, 29-31; 17, 19; 19, 30). Cf. **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 708.

<sup>388</sup> Cf. Id., *Teologia del sacerdocio de Cristo*, p. 130.

O mistério da Encarnação do Filho de Deus é a máxima expressão desta solidariedade salvífica. É Deus mesmo agindo como solidário e salvador de toda humanidade.<sup>389</sup> O caráter salvífico da solidariedade de Cristo provém da graça da Encarnação. Toda humanidade em Cristo sacerdote participa do mistério de sua salvação. Esta solidariedade salvífica nasce da oblação do Filho de Deus que se encarna em nossa humanidade.<sup>390</sup> Pela Encarnação, realiza-se plenamente o Mistério da humanização do Filho de Deus, nascendo dessa realidade salvífica uma identidade nova, fundamento teológico da unidade de toda comunidade humana.<sup>391</sup>

Um dado fundamental da nossa reflexão é que Alfaro fundamenta sua teologia no Mistério central da Encarnação, plenitude da Revelação do amor trinitário do ser humano e revelação do destino da humanidade. A missão salvífica do Filho de Deus é uma missão trinitária, que renova a humanidade e a convida a participar da unidade eterna de Deus no amor:

“... a Encarnação é o fundamento supremo da unidade da comunidade humana, destinada à união imediata com Cristo mesmo e n'Ele com Deus em seu Mistério Pessoal”<sup>392</sup>

Pela Encarnação, Cristo assume solidariamente a existência humana em sua limitação e sofrimento.<sup>393</sup> O ponto culminante da solidariedade de Cristo foi assumir a nossa morte. Nesse sentido, não somente nos representa como também nos insere em seu mistério, de modo que todas as realidades de fragilidade e limites da realidade humana encontram-se contidas e acolhidas pelo mistério Cristo. Sua solidariedade se expressa radicalmente no amor aos pobres e aos oprimidos, assumindo a pobreza até o extremo da situação iníqua da cruz, pela salvação do mundo. O sacerdócio de Cristo revela a compaixão com que Deus se relaciona com a humanidade. Nessa atitude voluntária, de

<sup>389</sup> A teologia Patrística dos séculos II a V vê o sentido salvífico da Encarnação como inclusão solidária de toda a humanidade em Cristo. Esse caráter salvífico é a máxima expressão de solidariedade do filho de Deus com a família humana. A Encarnação, por graça de Deus, se constitui de forma solidária com a humanidade.

<sup>390</sup> Alfaro fundamenta essa afirmação em S. Paulo. Cf. Id., **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 693-694; **Cristo Sacramento de Dios Padre**, p. 8.

<sup>391</sup> Pela Encarnação toda humanidade é divinizada (realização da graça de Cristo) e é elevada como sinal eficaz da graça de Cristo que atua na humanidade. Esta inclusão de toda a família humana na Humanidade de Cristo comporta a união filial de toda a humanidade com Deus (graça de Cristo) e a unidade da comunidade humana. Cf. Id., **Cristo, sacramento de Dios Padre**, p. 18; **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 74-77.

<sup>392</sup> **Cristo, Sacramento de Dios Padre**, p. 18.

<sup>393</sup> Cf. Id., **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 701.

máxima expressão do amor de Deus por todo ser humano, encontra-se radicado o valor salvífico universal da morte de Cristo.<sup>394</sup>

Cristo sacerdote manifesta a plenitude de sua funcionalidade salvífica pelo acontecimento de sua Ressurreição, na qual a Encarnação chega ao seu clímax de plena divinização do homem Jesus. Sua Glorificação - Ele é glorificado como o primeiro de todos - é o começo da glorificação de toda a comunidade humana. Alfaro fala dessa realidade como inserção da humanidade definitivamente no mistério salvífico, o qual permite que todos participem de sua Glória pelo poder de seu Espírito. Inserida na solidariedade de Cristo, a comunidade humana alcançará expressão de suprema realização na visão da escatologia.<sup>395</sup> A solidariedade do Verbo Encarnado, o Cristo para com toda a humanidade, faz da Ressurreição o evento salvífico universal. Ele é o sacerdote de toda a humanidade, à humanidade toda introduz na comunhão de amor-trinitário.<sup>396</sup>

A função sacerdotal de Cristo é sacrifício de sua própria vida como conseqüência de sua Encarnação e cumprimento da vontade salvífica do Pai, para salvar/libertar a humanidade.<sup>397</sup> Nessa função expressa-se de modo especial a solidariedade de Cristo com toda a humanidade.

Essa solidariedade é radical e total, manifestando uma mensagem de novidade absoluta. A função salvífica-solidária adquire relevância em nosso tempo uma vez que a sensibilidade ao valor da solidariedade torna-se urgente, devido à situação de injustiça em nosso mundo.<sup>398</sup>

A partir da função salvífica, Alfaro nos ajuda a refletir sobre os fundamentos antropológicos e teológicos da solidariedade, em sua dimensão comunitária. O reconhecimento do Pai de Jesus Cristo como Deus-amor, que dá

---

<sup>394</sup> Cf. Alfaro fala da atitude de compaixão como “solidariedade descendente”: a encarnação é vista como um ato de solidariedade do Filho de Deus com a humanidade pecadora e mortal. O Cristo assume nossa existência total e nos comunica o próprio ser divino. Cf. **La gracia de Cristo y del Cristiano em el Nuevo Testamento**, p. 33-35; 42-44. A teologia Patrística continua a reflexão neotestamentária, elaborando uma profunda teologia da Encarnação que ressalta a solidariedade do Filho de Deus com nossa existência e nosso destino: solidariedade salvífica. Cf. **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 746; **Encarnación y Revelación**, p. 441 (nota 20).

<sup>395</sup> A plena divinização da humanidade em Cristo é chamada por Alfaro de “solidariedade ascendente”: somos participantes de sua glória. “*La unidad del misterio total do Verbo Encarnado y la ‘solidariedad descendente-ascendente de Cristo’ com todos los hombres en cada una de las fases de su sacrificio (que coinciden plenamente con el progresivo realizar-se del misterio mismo de la Encarnación) permite comprender también el valor salvífico de cada uno de estos momentos y de su totalidad*” Id., Cf. **Las funciones salvificas de Cristo como Revelador, Señor e Sacerdote**, p. 746.

<sup>396</sup> Cf. *Ibid.*, p. 748.

<sup>397</sup> Cf. LÓPEZ AMAT, A., **Cristo resucitado**, p.281.

<sup>398</sup> Cf. VIDAL, M., **Para comprender la solidaridad: virtud y principio ético**, p. 13-14.

sentido à existência, vive-se na experiência da dignidade pessoal de cada ser humano. A Encarnação eleva-se à plenitude na Ressurreição, como expressão fundamental do amor-trinitário, ao propor à humanidade a Aliança no Filho humanizado.

A solidariedade-salvífica de Cristo O identifica com cada ser humano, além de revelar o amor do Pai e inserir a humanidade na dinâmica da adoção filial. A Filiação divina de Cristo é realizada na fraternidade solidária que, diante da existência humana e de seus limites, faz-se constantemente, como interpelação radical.

## **Conclusão**

Tendo a Encarnação como chave hermenêutica da relação pessoal entre Deus e o ser humano, Alfaro nos ajuda a abrir horizontes, reconhecendo a identidade de Cristo como Revelador, Senhor e Sacerdote: n'Ele toda a sua dimensão ontológica é salvífica para a humanidade. É a plenitude pessoal que leva à plenitude toda existência humana, em suas dimensões existenciais.

As funções salvíficas do acontecimento Cristo manifestam as diversas facetas do único Dom do Pai que, realizado e atualizado em Jesus Cristo, redescobre a humanidade sob o desígnio salvífico do Pai, identificando o ser humano como participante desta relação pessoal na qual é introduzido pela gratuidade do amor de Deus.

Assim, a graça divina confere a cada ser humano, em suas diversas relações existenciais, uma nova identidade experimentada da relação amorosa do Pai com o Filho, relação pessoal que nos identifica com a dinâmica do amor.

No próximo capítulo procuraremos apresentar a relação da centralidade de Jesus Cristo com a unicidade da pessoa humana, visto que a pessoa nasce desta relação amorosa na qual o Pai se autocomunica gratuitamente em seu Filho, Pessoa do Verbo Encarnado.

Na perspectiva da Graça, a pessoa de Cristo se torna a plenitude da humanidade e o sentido existencial-cristão de toda pessoa humana.

## Cap. 2 - A teologia da graça e a concepção cristã de pessoa

### Introdução

A teologia da graça tem sido a chave interpretativa no pensamento teológico de Juan Alfaro. É de fundamental importância para a totalidade de sua teologia, principalmente no que diz respeito à concepção cristã de ser humano.

Ela nos dá a compreensão da problemática sobre a qual Alfaro se debruçou no conjunto das reflexões de sua carreira teológica: o problema da transcendência/imanência da graça, que não é outro, senão o problema da Salvação Cristã.

### 1- A Dimensão antropológica da teologia da Graça

#### 1.1- A imanência e transcendência da Graça

Alfaro começa seu itinerário teológico com um estudo histórico sobre o tema do sobrenatural.<sup>399</sup> O estudo situa-se em torno do debate teológico suscitado pela Nouvelle Théologie,<sup>400</sup> em especial pelo trabalho do teólogo H. De Lubac, acerca do modo de entender a gratuidade da graça de Deus como ordem sobrenatural.<sup>401</sup>

Alfaro defende a tese de que os teólogos dos séculos XIV e XV, por ele estudados, sustentam o princípio do desejo inato de ver a Deus, presente em

<sup>399</sup> Cf. ALFARO, J., **Lo natural y lo sobrenatural según el card. De vito, Caetano; Lo natural y sobrenatural**. A primeira nota do texto “ *Il problema della trascendenza e dell’immanenza della grazia*” nos ajuda a situar a importância deste tema e seu valor histórico. E o texto apresenta um novo ponto de vista que é a relação entre a graça de Cristo e a graça do cristão. Cf. Id., **Cristologia e antropologia**, p. 256. 46-113; **Trascendencia e inmanencia de lo sobrenatural**, **Greg. 38 (1957)**, 5-50.

<sup>400</sup> A Nouvelle Théologie nasceu na França, no final da segunda guerra mundial como intento de apresentar uma alternativa à teologia *neoescolástica*, o que possibilitou uma renovação no método teológico, levando em consideração as fontes bíblicas e uma fundamentação mais ampla da doutrina da tradição latina e grega. Junto com H. de Lubac, temos ainda como expoentes: Daniélou, H. U. von Balthasar, M. D. Chenu e Y. Congar. Cf. GIBELLINI, R., **La teologia del XX secolo**, p.173-183; 192-225; DE LUBAC, H., **Surnaturel. Études historiques; Mystère du Surnaturel**; KÜNG, H., **Dio Esiste?** p. 707-708; RONDET, H., **Nueva Teología**, p. 922-926; BELLOSO, J. M. R., **Revelación de Dios, Salvación del hombre**, p. 17-20.

<sup>401</sup>Cf. ALFARO, J., **Sobrenatural y pecado original em Baio**, p. 75; LADARIA, L. F., **Antropologia teológica**, p. 174-194.

toda pessoa, afirmando ainda, por outra parte, a gratuidade da visão, sem levar em conta a contradição lógica intrínseca a essas afirmações. Para Alfaro, as duas proposições estão corretas, encontrando-se o problema na unidade e na correlação das duas, salvaguardada a gratuidade da Graça de Deus na vida de cada pessoa. Todas as questões teológicas e antropológicas encontram-se focalizadas em uma única questão: a existência humana sob a Graça de Deus.<sup>402</sup> Esta reflexão diz respeito ao problema da salvação cristã.<sup>403</sup>

Nessa discussão encontramos duas grandes tendências, presentes na história da teologia, que dizem respeito ao problema da concepção da Graça: uma que acentua unilateralmente a dimensão transcendente de modo “extrínsecista”; e outra que acentua a dimensão imanente de forma “intrínsecista”.<sup>404</sup>

Para dar uma resposta a essa questão, Alfaro indica a necessidade de levar em conta a totalidade do acontecimento da salvação, mantendo-se os dois pólos de tensão constitutivos da revelação cristã, segundo o modelo do Concílio de Calcedônia, sem confusão, sem divisão e sem separação.<sup>405</sup> O autor preocupa-se em manter fidelidade ao acontecimento Salvífico para responder a essa tensão, utilizando categorias que possam ajudar a responder à questão, na perspectiva da cultura moderna e da sensibilidade da humanidade hoje.

A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre as reflexões teológicas de Alfaro, que nos ajudarão a compreender e a fundamentar o ponto

<sup>402</sup> “Questo problema teologico nasce da un dato bíblico fundamental (tanto nel Antico Testamento come nel Nuovo), che in sintesi può essere formulato nei seguenti termini: La Salvezza, come dialogo tra l’amore di Dio e la responsabilità dell’uomo come atto assolutamente libero di Dio che chiama l’uomo, allá comunione di vita con lui e risposta libera dell’uomo che accetta l’invito di Dio, ricevendo così la partecipazione allá sua vita.” Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 257; Cf. **Natureleza y grazia**, p. 882.

De Miguel sinaliza o sentido, a relevância metodológica e pastoral dessa questão. Cf. DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 84. K. Rahner fala deste tema sublinhando a importância de uma teologia viva, pela incidência na realidade e na ação concreta, e destaca os efeitos práticos dessa reflexão. Cf. RAHNER, K., **Natureleza y gracia**, p. 242-243. Juan Ruiz de la Pená indica que o problema do sobrenatural está nas entranhas de todas as questões teológicas decisivas. Cf. RUIZ DE LA PENÁ, J. L., **El don de Dios**, p. 36.

<sup>403</sup> “la salvezza, come dialogo tra l’amore di Dio che chuama l’uomo alla comunione di vita con lui e risposta libera dll’uomo che accetta l’invito di Dio, ricevendo così la partecipazione alla sua vita. La trascendenza di Dio nel dono di se stesso all’uomo. La sua immanenza ha luogo nell’uomo, cioè nella sua capacità radicale di essere interpellato dall’amore di Dio e di entrare in comunione di vita con lui” ALFARO, J., Il problema della trascendenza e dell’immanenza della grazia, p. 257.

<sup>404</sup> Cf. MIRANDA F. M., Libertados para a praxis da justiça, p.31-111; RAHNER, K., **Sobre la relación entre naturaleza y gracia**, p. 328-330.

<sup>405</sup> Cf. ALFARO, J., **Revelación cristiana, fé y teología**, p. 164; **Notas preliminares para una teología de la liberacion**, p. 592; **Compito della teologia catolica dopo Vaticano II**, p. 539.

de referência de nossa pesquisa: a concepção cristã de pessoa em seus escritos.<sup>406</sup>

## 1.2- A Pessoa: Integração da transcendência/imanência da Graça

Alfaro começa sua reflexão teológica a partir da antropologia teológica, embora tenha levado em consideração também a reflexão filosófica sobre o ser humano, prolongando-se esta por sua obra completa. Orientando-se pelo axioma fundamental que estruturou sua antropologia teológica, “A graça supõe a pessoa”,<sup>407</sup> o autor tem a pessoa como uma categoria integradora da reflexão antro-po-teológica que unifica a realidade transcendente e a realidade imanente da Graça. Com isso, Alfaro se destaca pela preocupação de inserir em suas reflexões o uso de categorias personalistas na compreensão da Graça.

### 1.2.1- Três categorias teológicas para a concepção de pessoa

Apresentaremos três categorias que expressam a busca de conceitos que comunicam o mistério da Salvação, com um enfoque teológico que seja mais compreensível ao ser humano:

<sup>406</sup> Aqui levamos em consideração o trabalho teológico de J. M. De Miguel sobre a Teologia da Graça em Alfaro e também a reflexão de outros autores: Cf. DE MIGUEL, J. M., **Revelacion y fé**, p. 79-155; GONZALEZ FAUS, J. I., **Proyeto de hermano**, p. 144-156, 164; LADARIA, L. F., **Antropologia teológica**, p. 187-190; **Naturaleza y gracia. Karl Rahner y Juan Alfaro**, p. 53-70; ARMENDÁRIZ, L. M., **Teoria y praxis a la luz de un canon tridentino**, p. 81-114; LÓPEZ AMAT, A., **Sobre la gracia increada y la gracia creada**, p. 71-79; BELOSSO, J. M. R., **La obra riciente de Juan Alfaro a la luz de su propia metodologia**, p. 37-51; MONDIN, B., **Le teologie del nostro tempo**, p. 107-117; NICOLAS DE, A., **Teología del progreso**, p. 348-353; RUIZ DE LA PENÁ, J. L., **El don de Dios**, p. 29-31; RAMÍREZ AYALA, M., **Juan Alfaro: una herencia teológica**, p. 388-394.

<sup>407</sup> Alfaro reinterpretou o axioma tomista: “A Graça supõe a natureza” – **S.Theo.** I-II, q.110.a.4. Para Alfaro a Graça supõe a pessoa e se insere nela. A pessoa é um pressuposto de possibilidade da graça. O homem é aberto à graça enquanto é pessoa. A abertura a graça coincide com a capacidade para responder na liberdade ao absoluto Pessoal. Esta possibilidade de resposta a interpelação de Deus identifica o homem como pessoa. Deus provoca uma relação Pessoa/ pessoa. Esta relação personaliza o homem. Cf. ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 5-29.

## I - Capax Dei

A Revelação Cristã nos comunica o fato da deificação do ser humano pecador. Isso se realiza devido aos bens que Deus concedeu ao mundo em Cristo. N'Ele, por Ele e com Ele, somos confirmados na filiação divina e na participação da herança própria do Filho de Deus, realidade que é afirmada nos escritos de São Paulo e de São João. Entendemos essa realidade como uma verdadeira divinização do ser humano.<sup>408</sup>

O ser humano é considerado como “criatura intelectual”<sup>409</sup>, ou seja, em sua constituição intrínseca, enquanto ser consciente e responsável, é capaz de receber a comunhão de vida com Deus.<sup>410</sup> Essa participação na vida divina, realidade que o deifica, encontra-se fundamentada em sua condição espiritual, numa profundidade espiritual que se expressa como abertura fundamental para a comunicação de Deus.<sup>411</sup> O ser humano, por ato da criação, traz em si a capacidade ontológica de receber a comunicação de Deus. Enquanto pessoa, isto é, dotado de consciência e liberdade responsável, é “capax Dei”, capaz de comunicar-se e relacionar-se com o Absoluto. Essa capacidade é o fundamento ontológico que o constitui como um ser de relação. A Graça supõe a pessoa e se insere na pessoa, orientando-a na direção de Deus. Entendemos que não existe nenhuma exigência ontológica no ser humano, a não ser a capacidade

<sup>408</sup> Cf. ALFARO, J., **Transcendência e imanência do sobrenatural**, p. 8-9. Alfaro leva em consideração a reflexão Neotestamentária e Patrística: Cf. **Il problema teológico della trascendenza e dell'immanenza della grazia**, p. 262-281. Cf. LADARIA, L. F., **Naturaleza y gracia. Karl Rahner y Juan Alfaro**, p. 53-70; **Antropologia teologica**, p. 187-190.

<sup>409</sup> No conceito “criatura intelectual”, entendemos o termo intelectual como expressão sintética de toda a dimensão espiritual do homem (consciência, conceituação, reflexão racional, liberdade etc.) Poderá causar certa surpresa o fato de que na formulação desse conceito não apareça expressamente o termo ‘corporeidade’ do ser humano, mediante o qual se realizam as relações com o mundo, com os outros homens e com a história. Mas o conceito “criatura intelectual”, equivalente a “Espírito finito”, está implicitamente presente na dimensão corporal que constitui o modo concreto do limite criatural do ser humano em seu próprio espírito. Por isso reforçamos nossa consciência de totalidade do conceito que assume a realidade da pessoa, afastando-o de qualquer possível interpretação dualista. Mas consideramos a corporeidade como dimensão totalizante, que não é única, do ser humano na sua interioridade espiritual. Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 270 (cf. nota 22); **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 38-69.

<sup>410</sup> Ao falar de Criatura intelectual, Alfaro remete a Santo Tomas de Aquino, quando, na Suma Teológica, nos apresenta o conceito de “Intellectus creatus” Cf. **S. Theo.**, I, q. 12, a 1; De Ver., q. 8, a. 3; Cont. gent., III, c.52, 53. Alfaro equipara o termo “Criatura intelectual” a “pessoa criada” Cf. **Cristologia e antropologia**, p. 272ss. Para Alfaro, esse é um conceito que adquire em sua teologia uma conotação diferenciada e rica de matizes, constituindo um conceito-chave que marcará sua antropologia teológica.

<sup>411</sup> Cf. DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 107-108. A capacidade fundamental de abertura para a comunicação de Deus no ser humano é a mesma capacidade presente na natureza humana que possibilitou a Graça da Encarnação. Uma capacidade receptiva e adaptável que comporta a divinização da natureza humana para poder acolher em si a máxima comunicação da Graça: a Encarnação, a livre acolhida da Graça por parte do ser humano.

real de acolher a plenitude pessoal como dom, precisamente enquanto exerce sua consciência e liberdade, expressando sua identidade pessoal.<sup>412</sup>

Nessa concepção teológica de ser humano, é fundamental a constituição ontológica como “capax Dei”, uma vez que, se não existisse essa capacidade radical, não seria possível nem a Encarnação nem a autocomunicação de Deus com a pessoa. A capacidade para a Graça no ser humano provém de sua atitude para a Encarnação, atitude que se identifica com sua estrutura personalista: o ser humano é capaz de autopossuir-se na opção livre de autodoação, em resposta ao Amor gratuito infinito e Pessoal. Porém o fato de a pessoa estar apta para a visão de Deus, não significa que possa alcançá-la por si mesma.<sup>413</sup> Alfaro analisa esse ponto de vista, sustentando que é possível imaginar a pessoa como criatura intelectual, inteligível e realizável, sem estar, no entanto, definitivamente destinada à visão de Deus, pois somente na visão dom de Deus é que a pessoa pode realmente se realizar plenamente. Só nessa experiência a pessoa pode alcançar o ato permanente e a novidade suscitada pelo encontro com Deus, sem perder a condição de criaturalidade que garante o aspecto total da gratuidade de Deus e que possibilita a pessoa de ser capaz de experimentar da vida divina.

Essa é uma explicação teológica sobre a imanência do sobrenatural.<sup>414</sup> O que a Escolástica medieval chamou de “potentia oboedientialis”<sup>415</sup>, Alfaro denomina de “capacidade radical”,<sup>416</sup> para indicar aquela dimensão mais profunda constitutiva do ser humano como espírito. Assim, essa abertura ao infinito presente em cada pessoa, como término absolutamente último e absolutamente possível, constitui-se uma orientação primeira e ontológica do ser humano,<sup>417</sup> tornando-se significativa para a teologia a reformulação do princípio “*gratia supponit naturam*”, a partir da categoria de pessoa.<sup>418</sup>

<sup>412</sup> Cf. ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 17.

<sup>413</sup> Cf. Id., **Trascendencia e imanencia de lo sobrenatural**, p. 20-21; **La dimension trascendental en el conocimiento humano de Dios según Santo Tomás**, p. 657ss.

<sup>414</sup> Cf. Id., **Persona y gracia**, p. 17

<sup>415</sup> Cf. LADARIA, L., **Naturaleza y gracia. Karl Rahner y Juan Alfaro**, p. 56.

<sup>416</sup> ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 263.

<sup>417</sup> Cf. Id., **Persona y gracia**, p. 6

<sup>418</sup> Cf. Ibid., p. 8; DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 123; DE LA PIENDA, A., **El sobrenatural de los cristianos**, p. 73-74.

## II - Imago Dei

No ser humano existe algo da realidade divina que se apresenta como um pressuposto da possibilidade de união imediata com Deus: a capacidade de receber a Graça, enquanto pessoa, espiritualidade e abertura incondicional ao infinito.<sup>419</sup> A semelhança do ser humano com Deus não é algo inaudito, estranho ou periférico, mas constitutivo do ser criado. Enquanto espírito finito, capaz de ter consciência de sua autopresença, somente a pessoa pode ser imagem de Deus, porque somente ela tem consciência de si mesma.

“A imagem de Deus no ser humano coincide com sua constituição como espírito presente na matéria. Por sua condição de Espírito, é a pessoa capaz de auto-presença consciente e participa na plenitude espiritual própria de Deus, auto-consciência subsistente e subjetividade pura.”<sup>420</sup>

O caráter constitutivo se projeta a partir de sua base antropológica, que se estrutura sobre a consciência e a liberdade em suas relações com o mundo, com a comunidade humana e com o próprio Deus. A pessoa se experimenta à luz da consciência de si mesma, manifestando o seu espírito, como superior ao mundo, pois é capaz de refletir sobre si mesma e de decidir livremente sobre si mesma, sobre o mundo e suas relações. A experiência fundamental da autoconsciência implica a transcendência do ser humano sobre o mundo, em sua existência como pessoa e na relação com o Pessoal Transcendente. A experiência fundamental de relação consigo mesma, com o mundo e com Deus é que determina a auto-experiência humana como “imagem de Deus”.<sup>421</sup> Aqui se estrutura a consciência da comunidade humana, também consciência do outro, como imagem de Deus e como portador de uma dignidade inefável e absoluta. A presença do outro como imagem de Deus manifesta o mistério da presença Pessoal do próprio Deus.<sup>422</sup>

A reflexão sobre a categoria de imagem de Deus inclui também o exame da capacidade humana de um conhecimento “mediato e natural de Deus”,<sup>423</sup> pelo qual a pessoa é elevada à visão de Deus. A semelhança da pessoa com

<sup>419</sup> Cf. ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 9. No livro do Gênesis 1, 26-30, é indicada a criaturalidade e a espiritualidade do ser humano. Mas esse conceito bíblico indica muito mais, pois tem uma conotação histórico-salvífica que remete à comunhão de vida com o Deus da Aliança. Cf. **Cristologia e antropologia**, p. 271.

<sup>420</sup> Id., **Speranza cristiana e liberazione del mondo**, p. 16-17; **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 40.

<sup>421</sup> Cf. *Ibid.*, p. 55.

<sup>422</sup> Cf. *Ibid.*, p. 49.

<sup>423</sup> Cf. Id., **Persona y gracia**, p. 18.

Deus está radicada em sua espiritualidade e se expressa no fato de ser “pessoa-criada” à imagem de Deus, Comunidade de Pessoas em uma única e mesma Natureza Divina. Esse conceito provém da terminologia bíblica, foi elaborado especialmente pela Patrística grega e refere-se à natureza histórico-salvífica do ser humano.<sup>424</sup>

### III - Pessoa-criada

O primeiro estudo no qual Alfaro usa o termo pessoa é em “*Cristo Glorioso, Revelador do Pai*”.<sup>425</sup> Nesse estudo apresenta-se a visão beatífica como um encontro pessoal e ativo com Cristo glorificado: a pessoa voltará a recuperar integralmente a sua humanidade e a sua atividade intelectual e sensitiva, em sua humanidade glorificada na visão. Quando Alfaro escreve o artigo “*Persona y gracia*”, ao refletir sobre a questão da união hipostática, começa também a desenvolver sua concepção cristã de pessoa humana, tendo como referência a Pessoa do Verbo de Deus. A reflexão teológica tem-nos levado a um conhecimento da pessoa que a razão humana por si só não poderia alcançar.<sup>426</sup> A conceituação sobre a humanidade de Cristo, de caráter absolutamente singular, serve para, analogicamente, apresentar a reflexão sobre o ser humano. Na reflexão que tem a cristologia como referência, Alfaro leva em consideração dois aspectos antropológicos fundamentais da pessoa de Cristo: a auto-experiência da consciência de sua humanidade plenamente autoluminosa<sup>427</sup> e a dimensão de alteridade em que a pessoa encontra a realização e a felicidade.<sup>428</sup>

O ponto de partida para a reflexão hermenêutica será a analogia. Deus é o análogo principal,<sup>429</sup> é Pessoa incriada: Espiritualidade, Alteridade e Subsistência.<sup>430</sup> Por analogia, o ser humano é também espírito, embora espírito finito. Alfaro aprofunda esse caráter principal e analisa o ser humano com base em sua espiritualidade, considerando-o em seu duplo e inseparável aspecto de conhecimento: a autoconsciência e a liberdade (autopresença). Há dois

<sup>424</sup>Cf. Id., *Natureza II*, p. 872; *Cristologia e antropologia*, p. 272. Os padres gregos se servirão da terminologia imagem e semelhança para explicar a progressiva divinização do homem na direção de sua fase definitiva. É um conceito histórico-salvífico que apresenta a pessoa como inicialmente participante da Graça de Cristo.

<sup>425</sup> Cf. Id., *Cristo glorioso revelador del Padre*, p. 222-270.

<sup>426</sup> Cf. Id., *Persona y gracia*, p. 20. Pode-se também conferir VON BALTHASAR, H. U. *Teológica III*, p. 120.

<sup>427</sup> Cf. Id., *Cristo glorioso, revelador del Padre*, p. 224; *Cristologia e antropologia*, p. 190

<sup>428</sup> Cf. *Ibid.*, p. 203; *Cristo glorioso, revelador del Padre*, p. 269

<sup>429</sup> Cf. Id., *Trascendencia e imanencia de lo sobre natural*, p. 28.

<sup>430</sup> Cf. Id., *Persona y gracia*, p. 21.

aspectos que compõem o conceito de criatura intelectual: expressar-se como entendimento e vontade e constituir-se como pessoa. O ser humano chega ao sentido mais pleno de sua espiritualidade a partir da autoconsciência e da autopresença, relativamente ao exercício da liberdade, de modo que sua plenitude como pessoa acontece mediante esse exercício.<sup>431</sup>

O estudo desenvolve-se em relação ao Absoluto como realidade constitutiva e intrínseca à pessoa humana. Alfaro, em suas reflexões sistemáticas, define o ser humano como “espírito finito”,<sup>432</sup> abordagem e aspecto que terão conseqüências práticas fundamentais: a alteridade, ou seja, a entrega pessoal a uma outra pessoa como paradoxo da autoconsciência.<sup>433</sup> Tal paradoxo servirá de base para a análise do “espírito finito” como ser constitutivamente em relação. Por isso, em seu pensamento, espiritualidade e alteridade não se contrapõem, mas a alteridade se fundamenta na espiritualidade e a espiritualidade se realiza na alteridade.

As três categorias analisadas têm uma significação antropológica relevante: a) indica a transcendência do ser humano desde a imanência, e a realização pessoal, autotranscendência, como dom manifestado em sua capacidade radical: *Capax Dei*; b) faz referência a uma comum dignidade do ser humano, recebida como dom no ato da criação, na qual se fundamenta o absoluto respeito da individualidade pessoal como possibilidade e capacidade radical da vocação transcendente: *imago Dei*; c) provém da compreensão da analogia entre ser humano e o próprio Deus - pessoa humana que em sua personalidade tem o próprio Deus como referência, e ainda comunidade de Pessoas que traz a compreensão do ser humano como pessoa autoconsciente e autopresente em sua liberdade: *Persona-creata*.

---

<sup>431</sup> Cf. *Ibid.*, p. 8

<sup>432</sup> Já fizemos referência a esse termo que traz o mesmo conteúdo e equivale à categoria de “*persona -creata*”. Indica também um processo nas categorias antropológicas. E acentua o ponto de partida fenomenológico em que o sujeito é cognoscente. Alfaro é influenciado pela metafísica do conhecimento de K. Rahner. Cf. RAHNER, K. **Espiritu en el mundo; Metafísica del conocimiento finito según Santo Tomás de Aquino; Oyente de la palabra.**

<sup>433</sup> Alfaro parte de um personalismo baseado em reflexões ao redor do ser e assume o método fenomenológico-existencial para clarificar a experiência originária da realidade pessoal, completando assim sua visão personalista de ser humano.

## 1.2.2- Personalismo dialogal

A graça é dom de Deus ao ser humano, é comunicação pessoal pela qual Deus se auto-oferece.<sup>434</sup> Alfaro supera as categorias essencialistas da escolástica tradicional e assume um personalismo de caráter dialógico como compreensão da Graça: o ser humano não pode alcançar a felicidade plena numa relação sujeito-objeto, mas somente numa relação “eu-tu”, na relação com uma pessoa.<sup>435</sup> Aqui se encontra o núcleo da compreensão de Alfaro relativamente à relação do ser humano com o Absoluto pessoal.<sup>436</sup>

A graça capacita e aperfeiçoa o ser humano na essência constitutiva, na autoconsciência, na autopresença e no auto-oferecimento. Porém essa perfeição se realiza sempre na consideração da criaturalidade e do limite ontológico, do qual o ser humano não pode livrar-se. Na relação com Deus, a liberdade humana tem a possibilidade de se realizar plenamente como ser intelectual-espiritual, na entrega e na opção livre e plena.<sup>437</sup> Por isso o ser humano realiza o seu ser pessoal e alcança a sua integração pessoal e interna na medida do seu relacionamento com o Absoluto pessoal. Essa relação constitui a perfeição da criatura intelectual, comportando, por conseguinte, a unificação total do dinamismo volitivo. A consciência e a liberdade explicitam a espiritualidade, ou seja, a totalidade da capacidade de relação que se constitui como característica especial do ser pessoa. Tomando essa reflexão numa perspectiva analógica, em que o próprio Deus em sua personalidade é

<sup>434</sup> Cf. ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 9; **Cristologia e antropologia**, p. 398-423.

<sup>435</sup> Cf. *Ibid.*, p. 7.

<sup>436</sup> Cf. LÓPEZ AMAT, A., **Sobre la gracia increada y la gracia creada**, p. 72-79. López Amat chama atenção para as “fecundas categorias personalistas” que Alfaro usa para refletir sobre a Graça. E indica também uma evolução em relação a K. Rahner (categorias de causalidade: *quasis formalis*): “*Alfaro va más allá: para explicar – en cuanto es posible el dato revelado de la gracia increada como donación personal de Dios al hombre, ‘los teólogos – léase K.Rahner- se han visto forzados a recurrir a la categoría de una causalidad quaseformalis, a una especial actuación creada por el acto increado. Pero parece evidente la radical insuficiencia de todo intento de explicación exclusivamente dentro de estas categorías, que puedan aplicarse igualmente a una comunicación no- personal y a las que se les escapa precisamente el aspecto característico de la donación personal...¿No debería la teología consagrar definitivamente las categorías de donación personal y intimidad personal como necesarias y más apropiadas para explicar el misterio de la inhabitación?’ Y siguiendo el camino de Rahner en su analogía con la visión beatífica, entiende ésta no solamente como intuición del ser divino, sino como encuentro personal del hombre glorificado a cada una de las divinas personas según la personalidad propia de ellas. Por tanto, la gracia -incoación de la gloria- es también la incoación de esta relación del hombre a cada una de las personas divinas.*” Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 389-423.

<sup>437</sup> Cf. *Id.*, **Persona y gracia**, p. 17-20. A capacidade de autodeterminação é referente à resposta ao convite gratuito e amoroso do Infinito Pessoal. Resposta e abertura coincidem no ser humano com a capacidade de chegar, mediante uma opção livre, à união imediata com o Absoluto Pessoal, que interpela e que garante o ser humano como pessoa capaz de responder na graça da reciprocidade.

referência, Alfaro argumenta que a constituição do ser humano como pessoa é garantida pela alteridade de sua relação com o Absoluto:

“O ser humano é pessoa: a) enquanto é capaz de ser elevado pela Graça a uma relação “Eu-Tu” com o Absoluto e acolhê-Lo como livre dom pessoal. b) enquanto pode alcançar sua plenitude na comunhão pessoal cara a cara com Deus.”<sup>438</sup>

A pessoa é espiritualidade/alteridade, ou melhor, é autopresença consciente e orientada na direção do outro-infinito, que atualiza a relação infinitamente, de modo que, na pessoa criada, a espiritualidade/alteridade é potencialidade-finita que a torna livre para acolher a pessoa criada como dom. A pessoa traz em si uma inefabilidade, tanto quanto são inefáveis a sua espiritualidade e a sua alteridade. A espiritualidade se define na medida em que percebemos, conscientemente, o “Eu” que se realiza na relação com outra pessoa, com o Outro, como “Eu”. A alteridade diz respeito à percepção que estabelece a relação “Eu-Tu”, e a pessoa é a incomparável sublimidade que se revela na relação.<sup>439</sup>

Ao desenvolver sua antropologia teológica, especificamente a teologia da graça, Alfaro elabora a concepção cristã de ser humano focalizando-o como pessoa:

I - e entendendo-o como ser reconhecido na espiritualidade e na alteridade, a partir da análise da liberdade frente ao absoluto: o ser humano é chamado a uma relação amorosa no encontro com Deus, plenitude do exercício da liberdade e perfeição absolutamente última;

II - e interpretando o dado revelado a partir do pressuposto antropológico, pela consideração, analogamente, da personalidade de Deus.

Sua tese se desdobra em duas proposições: a) Deus, como ser pessoal, em uma atitude pessoal, se doa à criatura; b) o ser humano, aberto a essa realidade de autodoação de Deus, O acolhe enquanto pessoa. Deus constitui o ser humano como pessoa na medida em que se doa a ela, provocando uma resposta pessoal e realizando o ser humano plenamente como pessoa.<sup>440</sup>

<sup>438</sup> Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 45.

<sup>439</sup> Cf. *Ibid.*, p. 22.

<sup>440</sup> Cf. VON BALTHASAR, H.U., **Teológica III**, p.121. Segundo Von Balthasar, Alfaro considera que somente na economia da graça a pessoa alcança a plena auto-presença e a possibilidade plena de auto-doação.

A ação de Deus que se faz presente no coração humano, convidando a uma comunhão pessoal: é uma realidade existencial que se faz presente no coração de todo ser humano, pelo fato de ser pessoa, chamada à plenitude da visão-comunhão. Aqui centramos nossa atenção para dizer que, do ponto de vista teológico, o ser humano é pessoa por ser chamado parceiro-“partner” de Deus: o ser pessoal tem sua origem em Deus e só n’Ele pode chegar à sua plenitude.<sup>441</sup>

“Deus não nos salva como Deus, senão na atitude pessoal de se dar livremente ao ser humano: o ser humano não é salvo como ser humano, senão em sua atitude pessoal de aceitar livremente o dom de Deus que é Deus mesmo.”<sup>442</sup>

Alfaro propõe uma compreensão da gratuidade da graça a partir de categorias personalistas e, fundamentando-se no dado revelado, apresenta a graça como amor e comunhão de vida.<sup>443</sup> Essa perspectiva alfariana nos ajuda a compreender melhor a gratuidade do dom de Deus e a magnitude do seu amor incondicional. Deus garante a nossa liberdade na resposta ao seu amor, pois Deus poderia ter criado o ser humano sem ter de chamá-lo à intimidade da amizade pessoal, à comunhão de vida Trinitária, e isto não significaria uma carência ontológica, porque a amizade com Deus não está condicionada à sua constituição intrínseca, mas fundamenta-se na gratuidade do dom de Deus que se doa na pessoa de Jesus. Nessa perspectiva, centraliza-se a resposta da pessoa como um ato de responsabilidade realizado no amor do Tu transcendente que interpela, bem como no amor do Eu presente e consciente que se personaliza na dinâmica de gratuidade. A liberdade humana responde de modo a aprofundar a graça de Deus que, incondicionalmente, se propõe, numa reciprocidade que permite à liberdade responsável da pessoa adquirir a marca do definitivo. Assim, a pessoa, em sua complexidade, se traduz em

<sup>441</sup> Cf. MILANO, A., **La Trinitá dei teologi e dei filosofi: l’ intelligenza della persona in Dio**, p.242-248. O autor valoriza a reflexão antropológica de Alfaro sobre a pessoa em Deus, que o conduz a uma profunda compreensão do ser humano.

<sup>442</sup> Cf. ALFARO, J., **Y de nuevo vendrá, con gloria, a juzgar a los vivos e los muertos**, p.252, 244-254.

<sup>443</sup> Enquanto no texto **Persona y gracia** Alfaro propõe a introdução de categorias personalistas na compreensão de graça, no artigo **La gracia de Cristo y del cristiano en el Nuevo Testamento**, p. 27-64, ele fundamenta o personalismo dialógico nos textos do Novo Testamento. E cita alguns exemplos: São Paulo e São João apresentam a atitude do Pai para com o ser humano como uma realidade que vem e se plenifica no amor; ainda que a graça seja comunhão de vida com as Pessoas Trinitárias. A teologia Patrística se apresenta garantindo essas intuições do N T. Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 46-113. K. Rahner propõe uma nova compreensão da gratuidade da graça a partir da perspectiva de amor pessoal. Cf. RAHNER, K. **Sobre la relación entre naturaleza y gracia**, p. 341-342.

espiritualidade e alteridade, tornando-se um conceito sintético único e último da explicação da graça, no dinamismo da transcendência e da imanência.<sup>444</sup>

### 1.2.3- Reciprocidade pessoal-comunitária: sinal da Graça

Na análise fenomenológica da existência humana, Alfaro apresenta o conceito de “abertura” nas dimensões fundamentais da existência como um desejo de plenitude e de total auto-realização. Na apresentação dos existenciais, como fizemos nos capítulos anteriores, consideramos a abertura como aspiração de um sentido pleno de vida e como motivação mais profunda de existir. Essa aspiração coincide com uma atitude radical de esperança, um esperar que busca sentido pleno e definitivo para a existência. Nesse espaço de tensão entre a realização da existência humana e o nível mais radical e pleno da existência na auto-realização pessoal e comunitária, Alfaro insere a reflexão teológica sobre a graça.<sup>445</sup> A tensão que se expressa como abertura e esperança de auto-realização existencial está presente na estrutura ontológica do ser humano, e diz respeito a todas as dimensões da existência, embora só possamos realizar e alcançar a visão-comunhão, a plenitude de sentido, como dom.<sup>446</sup>

A reflexão teológica de Alfaro sobre a graça expressa uma continuidade analógica entre a dimensão ontológica do ser humano e sua vocação divina. Essa realidade contínua entre o que o ser humano é e o que ele é chamado a ser é um processo integrado, sem dicotomia ou disparidade, que insere as dimensões do ser humano na economia da salvífica. A própria graça encontra-se presente na existência temporal, elevando o dinamismo humano pelo processo da “esperança-esperante”, que se orienta na perspectiva de auto-realização pessoal e comunitária.<sup>447</sup> E esta só poderá se efetivar como felicidade plenamente humana na visão de Deus, na comunhão de vida com Ele. Nessa perspectiva, o dinamismo ontológico da pessoa e toda a sua existência e dimensões são totalmente íntegras na plena relação com o Absoluto. Por isso, a relação envolve a pessoa inteira, em sua complexidade existencial, e revela que

<sup>444</sup> Cf. Id., **Y de nuevo vendrá, con gloria, a juzgar a los vivos y a los muertos**, p. 252; DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 110.

<sup>445</sup> Cf. Ibid., p. 88; ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 7.

<sup>446</sup> Perspectiva escatológica de Alfaro quando apresenta a “visão” como “plenitude de sentido”, na qual a pessoa participa da espiritualidade divina. Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 416-417.

<sup>447</sup> Cf. DE MIGUEL, J.M., **Revelación y fe**, p. 89.

em todas as dimensões se manifesta a abertura radical do ser humano, bem como a imanência da graça como dom que potencializa, personaliza e perpassa pelas dimensões da existência.

#### 1.2.4- Graça de Cristo: existencial crítico

Alfaro afirma que o ser humano se encontra, em sua existência concreta, na economia da graça. Para se fazer entender, ele adota categorias personalistas que possam ajudar a compreender essa questão, pela qual a graça se manifesta na realidade existencial-humana.<sup>448</sup>

“O ciclo vital da Graça se desenvolve dentro de uma linha personalista: tem sua origem na atitude pessoal de Deus, suscita no ser humano uma inclinação interior até a comunhão pessoal com Deus, e termina em uma opção livre de auto-doação da pessoa a Deus.”<sup>449</sup>

Isso leva à suposição de que o ser humano tenha capacidade para acolher o dom do Deus pessoal que se entrega como amor. Tal capacidade é “o existencial central e permanente do homem e se encontra presente em sua realidade concreta”. É um dom livre, indevido e, portanto, sobrenatural.<sup>450</sup> O “existencial sobrenatural”, conceito apresentado por K. Rahner, consiste na permanente orientação para a visão beatífica do ser humano histórico, o que

<sup>448</sup> Cf. Alfaro tem como ponte de referência a reflexão teológica de K. Rahner sobre a graça, na qual apresenta a categoria de “existencial sobrenatural”. Alfaro compreende essa realidade, assim como Rahner, como oferta salvífica a todo ser humano de modo atemático ou transcendental. Por isso considera a graça como uma realidade presente na existência: “*La acción interna de la gracia y su correspondiente experiencia pertenece a la existencia humana concreta: el hombre histórico se encuentra permanente en una Economía de Gracia. En este sentido es lícito hablar de un sobrenatural existencial en el hombre; pero es preciso añadir que la colaboración psíquica característica del elemento sobrenatural en la existencia humana es eminentemente personal: es la llamada del Absoluto personal, que invita internamente al hombre a una relación personal “Yo-TÚ”.*” ALFARO, J., **Persona y gracia**, p.10; Cf. K.RAHNER, **Sobre la relación entre naturaleza y gracia**, p. 327-350.

<sup>449</sup> Cf. ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 10-11.

<sup>450</sup> Cf. Aqui também se apresenta a questão sobre o extrinsecismo na teologia da graça. Para Rahner, não existe a “natureza pura”, mas tão somente o ser humano histórico, a quem, segundo o dado revelado, é oferecida a graça em sua existência histórica. Pensa ainda na natureza pura como uma realidade hipotética para salvaguardar a gratuidade da graça. Alfaro também elabora cuidadosamente tal conceito hipotético de “natureza pura” para ressaltar a gratuidade da ordem sobrenatural. Porém tem bem presente que na ordem histórica só existe a natureza humana elevada por graça de Cristo. RAHNER, K., **Sobre la relación entre naturaleza y gracia**, p. 342-344; LADARIA, L. F., **Antropología teológica**, p. 185-190.

significa dizer que toda a existência da pessoa humana, enquanto ser espiritual, está conformada à graça.<sup>451</sup>

Para Alfaro, o ser humano, enquanto pessoa, está aberto a uma possível revelação de Deus, tendo a capacidade ontológica de ser interpelado pelo Absoluto Pessoal. A partir dessa afirmação teológica, o dado bíblico nos apresenta efetivamente que Deus se revelou na história de seu Filho humanizado, de modo que todo ser humano é interpelado pelo amor de Deus, realizado na presença do Filho, no qual se encontra a comunhão e a plenitude de vida.

Alfaro avança em sua reflexão em relação ao conceito de “existencial sobrenatural” e o seu mérito encontra-se em apresentar a questão da teologia da graça numa perspectiva cristológica: o existencial sobrenatural é crístico e pessoal. Considerando esses dois aspectos, elabora a reflexão sobre a graça numa perspectiva mais integrada com a realidade pessoal do ser humano e com a realidade Pessoal da Encarnação: o ser humano encontra em sua existência concreta a chamada da graça de Cristo, a qual constitui uma condição transcendental e permanente para o exercício da opção fundamental de sua liberdade.<sup>452</sup> A pessoa humana não pode compreender-se na totalidade sem o “existencial” que é “crístico” - existencial que interpela no mais profundo do ser. O foco da questão está em apresentar que o ser humano vive interrogado pelo desejo de sentido, no movimento de uma “esperança-esperante” e na pergunta pertinente pela questão de Deus.

A experiência é uma interpelação do amor-trinitário que acontece na história da pessoa e na comunidade humana, antes mesmo de toda e qualquer decisão. O apelo da graça é uma realidade anterior à resposta, é interpelação à liberdade fundamental de toda pessoa. A realidade dinâmica da pessoa em comunidade é integrada no sentido do amor que, segundo Alfaro, responde à visão integral do fenômeno humano e da revelação cristã.<sup>453</sup>

Na perspectiva de integridade da existência humana chamada a responder em Cristo ao sentido do amor, entendemos também o “existencial crístico” como uma realidade que ultrapassa a dimensão pessoal/comunitária do indivíduo enquanto ser humano e estende a experiência de ser pessoa inserida no mistério de Cristo com um alcance cósmico. O ser humano é pessoa e se

<sup>451</sup> Cf. RAHNER, K., *Naturaleza y gracia*, p. 234.

<sup>452</sup> Cf. ALFARO, J., *Cristologia e antropologia*, p. 400-412.

<sup>453</sup> “*Es necesario repristinar los conceptos neotestamentarios y patristicos de comunión, participación, solidaridad e inclusión; aquí está el misterio de la gracia cristiana, en vínculo comunitario de toda la humanidad con Cristo*” ALFARO, J., p.

relaciona com os outros e com o Outro, que é Deus no mundo. Toda obra criada, em sua complexidade, participa de seu destino Salvífico:

“... a criação do mundo para o homem está ordenada por Deus na encarnação. O mundo e o homem não existem senão como finalizados internamente em Cristo; este ‘existencial crístico’ que só a fé pode conhecer, constitui a dimensão ontológica mais profunda da criação e confere seu definitivo sentido.”<sup>454</sup>

### 1.2.5 - Novidade: Perspectiva pessoal-comunitária

As considerações que foram feitas no capítulo anterior expressam a preocupação de Juan Alfaro a respeito da noção de Cristologia, em função da antropologia teológica. Passa a ser nossa também, na medida em que se busca uma resposta para a pergunta: como se realiza a graça de Deus no ser humano? A rigor, ela se torna o centro de nossa reflexão, na medida em que se percebe que a experiência sobre a graça leva à necessidade de investigar a concepção de pessoa em sua totalidade sob a perspectiva da Cristologia.<sup>455</sup>

Alfaro se situa na perspectiva de um personalismo ontológico que integra a dimensão dialógica sem deixar de refletir sobre a dimensão transcendental. Assim, para nosso autor, a reflexão se pauta pela descoberta da pessoa, como espírito humano, que vive num dinamismo único para transcender sua própria finitude. Essa dinâmica se realiza na totalidade da pessoa e se encontra presente nas diversas dimensões da existência, relacionadas na experiência desse dinamismo. A unicidade da pessoa, na composição da diversidade das dimensões, ajuda na compreensão e na relação com o Absoluto, uma vez que a pessoa em sua integridade é chamada a experimentar a graça de Cristo, realizando a superação de todas as dicotomias.<sup>456</sup>

O conteúdo da Graça de Cristo é o sentido de pessoa, pela abertura do

<sup>454</sup> Cf. Id., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 68.

<sup>455</sup> L. F. Ladaria nos apresenta os enfoques de K. Rahner e de Juan Alfaro nesta questão sobre a graça: Rahner, a partir do sobrenatural existencial, fala da graça em si mesma como conceito teológico. Alfaro recorre a um enfoque mais existencial, no qual a graça é apresentada a partir da pessoa, o que provoca o conhecimento da própria pessoa, e, nesse sentido, a partir da pessoa de Jesus Cristo, plenitude da graça na pessoa humana. Cf. LADARIA, L. F. **Naturaleza y gracia. Karl Rahner y Juan Alfaro**, p. 53-70 (especialmente as páginas 68-69).

<sup>456</sup> Cf. A superação de toda e qualquer dicotomia e dualismos só é possível na experiência básica do ser humano como pessoa. Cf. RUBIO, A. G., **Unidade na pluralidade**, p. 258-293.

horizonte antropto-teológico, numa chave hermenêutica personalista, cristológica e trinitária. O autor apresenta a concepção cristã de pessoa numa linha que se caracteriza por destacar a capacidade fundamental da pessoa de ser interpelada e de responder: a identidade cristã da pessoa humana é sinalizada pela relação com o Absoluto pessoal, relação na qual a pessoa é interpelada a responder pessoalmente aos outros e ao totalmente Outro, a partir de todas as dimensões da existência.<sup>457</sup>

## 2- A Dimensão crística da Pessoa

A relação crística da pessoa, como experiência da graça de Deus nas dimensões da existência humana, não pode ser compreendida fora de uma perspectiva trinitária.<sup>458</sup>

Alfaro compreende a pessoa na experiência da graça como chamada a participar da realidade trinitária, apresentando-nos a graça como uma realidade da pessoa de Cristo enquanto relação com o Pai e o Espírito e como realidade presente na pessoa humana, como inserção e participação nessa relação. Trata ainda da imanência das pessoas divinas, estendendo a reflexão de K. Rahner sobre a Trindade imanente como Trindade econômica, e ainda a Trindade econômica como Trindade imanente.<sup>459</sup> Essa forma de situar a identidade da pessoa humana como participação no mistério trinitário é um procedimento do autor fundamentalmente soteriológico. A apresentação da dimensão crística da pessoa manifesta a relação do mistério trinitário com o mistério da Encarnação.<sup>460</sup>

### 2.1- A dimensão crística é uma experiência trinitária

A dimensão crística da pessoa humana se fundamenta na experiência

<sup>457</sup> Cf. DE MIGUEL, J. M., **Revelación y fe**, p. 91-92.

<sup>458</sup> Cf. ALFARO, J., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 70. Esta questão Alfaro aprofunda fundamentando-se na reflexão bíblico-Patristica, como faz no artigo: cf. **La gracia de Cristo y del cristiano**. Na tradução italiana cf. **Cristologia e antropologia**, p. 46-113.

<sup>459</sup> Cf. “*A Trindade econômica é a Trindade imanente e vice e versa*” RAHNER, K., **O Deus Trino como fundamento transcendente da história da salvação**, p.283-359; Cf. **Naturaleza y gracia**, p. 228.

<sup>460</sup> Cf. Id., **Persona y gracia**, p. 24; **Dios Padre**, p. 358.

interna da Trindade Santa: o Pai, Fonte da graça, gera eternamente o Filho, que se revela Pessoa na autocomunicação com o Pai. O ser humano é interpelado pela dinâmica trinitária e interpessoal de Deus, que se manifesta e se dá a conhecer pessoalmente. Portanto a dimensão gratuita de Deus na vida da pessoa humana é um dinamismo interpessoal, encontro pessoal, relação vivente. Essa experiência crística é uma economia trinitária, na qual a interpelação de Deus Pai, em Jesus, pelo Espírito Santo, se realiza na vida de cada ser humano, tornando-o pessoa. Cristo Pessoa trinitária é mediador da personalização do ser humano pela presença da graça, na relação com as Pessoas divinas.<sup>461</sup> Assim, o ser humano só entra em relação com Deus por Cristo e pelo Espírito de Cristo, pois a Graça é dom de Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo,<sup>462</sup> além do que, a encarnação de Cristo é a visualização no tempo e na história da relação pessoal-trinitária.

O Novo testamento mostra a vida trinitária, pela sinalização da relação de Deus Pai com o Filho Cristo, Pessoa do Verbo eterno encarnado. É uma relação personalizada no amor: Pessoa do Espírito Santo, Espírito do Pai, Espírito do Filho.<sup>463</sup> A graça é uma realidade pessoal que comunica a relação trinitária. Em Cristo, pela pessoalidade de seu Espírito, a graça personaliza o ser humano e o cristifica para estabelecer com Deus, que é Pai, um encontro filial e pessoal.<sup>464</sup>

A experiência da pessoa cristificada em Cristo pela força de seu Espírito revela o traço fundamental da dignidade da pessoa, por ter em si a realização da dinâmica amorosa da trindade, implicando tal processo uma relação pessoal com cada uma das Pessoas divinas. Por isso o sentido e o efeito “criado” da graça Incriada, que é o próprio Deus, é a personalização consciente do ser humano na economia da graça, enquanto relação dialógica com o próprio Deus Trindade. A

<sup>461</sup> Cf. ALFARO, J., **Persona y gracia**, p. 9; **Dios Padre**, p. 358.

<sup>462</sup> Cf. Id., **Cristologia e antropologia**, p. 84. Neste texto, Alfaro apresenta a reflexão de A. Orbe sobre a antropologia de Santo Ireneo: “*Sarebbe assurdo secondo la soteriologia de S. Ireneo salvare l’uomo, elevarlo allá gnosi immediata del Padre, se il Verbo non fossi fatto uomo. Né l’uomo è capace de salire al Padre senza il suo Figlio Dio, né Dio Padre può farsi conoscere all’uomo senza il suo Figlio uomo.*” Cf. ORBE, A., **Antropologia de Santo Ireneo**, p. 30-31; 100-105; 487-488; 493-495.

<sup>463</sup> Na perspectiva neotestamentária, tanto S. Paulo como S. João ressaltam o Espírito Santo e Espírito de Cristo. S. Lucas afirma que Jesus possui o Espírito e realiza suas obras em virtude do mesmo Espírito, que é potência de Deus. E ainda expressa que o dom do Espírito provém do Cristo glorificado (cf. Atos 2, 33). Para Marcos e Mateus, Jesus é conduzido pelo Espírito. Segundo S. Paulo, o Espírito de Deus que é Pai, porque enviado e dado pelo Pai aos homens, é Espírito do Filho de Deus, Espírito do Senhor (Rm 8, 9; Gal 4, 6; 2Cor 3, 17; Ef 3, 16; Fil 1, 19). O Pai é Fonte do Filho e do Espírito e através do seu Filho envia o seu Espírito. O Espírito é Espírito do Filho e do Pai. Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 417-423; **Speranza cristiana e liberazione dell’uomo**, p. 150; **Cristo, sacramento de Dios Pai**, p. 16.

<sup>464</sup> Cf. Id., **Dios Padre**, p. 359.

graça, afirma Alfaro, tem um caráter crístico e trinitário, e ambas as perspectivas revelam-se integradas na criação da unicidade da pessoa, que em Cristo descobre seu sentido dialógico e trinitário.<sup>465</sup> O ser humano é constituído pessoa por Deus Trindade, pois pela graça é introduzido no mistério da personalidade de Deus para se realizar no amor e, responsavelmente, exercer sua liberdade libertada em Cristo.<sup>466</sup>

## 2.2- Pessoa, Graça e Encarnação

A Encarnação constitui a graça fundamental, da qual provém todo o processo de personalização como graça de Deus que identifica a pessoa em sua relação absolutamente Pessoal. A graça de Cristo é graça capital, graça que provém da relação trinitária, da relação subsistente com o Pai, e que chega ao ser humano através do Espírito.<sup>467</sup> Assim, a dimensão crística e encarnacional da graça se funda na única graça, que é de Cristo, pois só através de Cristo o Pai se autocomunica com os seres humanos. O acontecimento da Encarnação apresenta-se como máxima comunicação possível de Deus ao ser humano,<sup>468</sup> acontecimento possível porque na humanidade de Cristo se realiza a maneira mais plena da pessoa humana ser “capax Dei”, bem como porque toda pessoa é chamada a essa experiência e a sua natureza é também “capax Dei”.<sup>469</sup>

A Encarnação centraliza a compreensão da graça como processo de personalização humana, pela qual a pessoa se encontra intimamente com Deus, em Jesus Cristo, na orientação do Espírito. Ela revela a dinâmica das relações divinas, pelas quais a personalidade de Deus se descobre plenamente na pessoa de seu Filho e abre perspectiva de participação na vida divina. A Encarnação personaliza a realidade humana, pois a Pessoa do Verbo assume tal existência em sua totalidade e unidade.

<sup>465</sup> Cf. Id., **Hacia una teología del progreso humano**, p. 69-70; **Cristologia e antropologia**, p. 92-93; 136.

<sup>466</sup> Cf. Id., **Persona y gracia**, p. 14; **Cristologia e antropologia**, p. 403-412; DE MIGUEL, J. M. **Revelación y fe**, p. 143. Gal 5,1.

<sup>467</sup> Cf. Id., **Significato Mariae in mysterio salutis**, p. 10-11. 15; **Persona y gracia**, p. 27; **Hacia una teología del progreso humano**, p. 74.

<sup>468</sup> Cf. Id., p. 69.

<sup>469</sup> Cf. DE MIGUEL, J. M. **Revelación y fe**, p. 166.

### 2.3 - A pessoa: identidade crística e trinitária

A relação de unidade da dimensão crística com a dimensão trinitária é uma característica da teologia da graça desenvolvida por Alfaro: na pessoa de Cristo, Deus revela-se como Pai e comunica o Espírito, cuja obra é a filiação e a incorporação personalizada no Cristo total. É a participação na fraternidade de Cristo, como experiência existencial crística conduzida pelo Espírito e orientada a realizar a vida teologal na história, como caminho para a plenitude de sentido em Deus.

A graça que qualifica o ser humano como pessoa na relação com Deus e com os outros homens realiza a filiação adotiva e a comunhão de vida em Cristo. Essa experiência de filiação constitui o núcleo da vida cristã, sendo, portanto, dom em Cristo glorificado.<sup>470</sup>

A pessoa vive a experiência de fé cristã como um processo de personalização que se fundamenta na relação amorosa com as Pessoas Divinas. O amor do Pai gera uma interpelação, na história, por meio da presença de Jesus, Verbo Encarnado, e do Espírito Santo. O ser humano personaliza-se nesse processo de comunhão de vida trinitária, na relação com as Pessoas da Trindade Santa.<sup>471</sup> Desse modo, a pessoa é, no Espírito de Cristo humanizado/encarnado/glorificado, uma “nova criatura” (Gal 6, 15), personalizada para uma existência comprometida com o mundo e a história.<sup>472</sup>

Essa realidade transcendental da graça na vida humana orienta a relação e o desenvolvimento comunitário, de modo que toda a existência da pessoa, nos níveis e dimensões de seus relacionamentos, seja conduzida para a plenitude de Deus que é tudo em todos. Assim, Alfaro indica a imanência mútua da atitude filial que nos insere no relacionamento com Deus, que é Pai, e a atitude fraterna que nos compromete com a história humana,<sup>473</sup> experiência filial vivida como conhecimento do amor de Deus na dimensão mais profunda da pessoa.<sup>474</sup>

<sup>470</sup> Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 81.

<sup>471</sup> Cf. *Ibid.*, p.79-83. Esta reflexão baseia-se na teologia Paulina onde encontramos uma identificação da “adoção filial” em Cristo e a “Salvação escatológica”. Inserção da pessoa no Mistério Trinitário e participação na vida gloriosa de Cristo.

<sup>472</sup> Cf. *Id.*, **Riflessioni sull’ escatologia del Vaticano II**, p.1054.

<sup>473</sup> Cf. **Hacia una teologia del progreso humano**, p. 79.91; **GS**, 22.

<sup>474</sup> Cf. ALFARO, J., **Cristologia e antropologia**, p. 283.

## 2.4 - O fato controvertido do pecado

Alfaro nos apresenta uma visão positiva do ser humano, uma antropologia teológica otimista, que se baseia na confiança total no processo de personalização. Com essa visão, o autor pouco se preocupa com a elaboração da questão da auto-suficiência e do egoísmo, como expressões do pecado na dimensão pessoal e social da existência humana.<sup>475</sup> Ele aborda a questão do pecado, mas não com o mesmo empenho teológico de reflexão com que aborda a questão ontológica para o recebimento e acolhida da graça. No entanto a questão do pecado tem de estar presente em nossa reflexão, uma vez que o homem é o único responsável pela dinâmica de suas relações, com o próprio Deus, com o mundo e com a comunidade.

Não se pode perder de vista a situação histórica concreta em que vive o ser humano, sujeito a não corresponder à abertura e aspiração de resposta pelo sentido último de sua existência, negando a sua existência crística e finalizada para a experiência amorosa que o constitui como pessoa.

O homem que é “capax Dei”, “imago Dei” e “persona creata”, ou seja, capacitado, destinado e receptivo à plenitude da graça, paradoxalmente e contraditoriamente também está diante do próprio limite e finitude que o expõe frente à realidade concreta e que o faz possível de recusar a relação Pessoal com Deus, dispensando o dom da divinização que o constitui parte do acontecimento salvífico de Cristo.

O homem, imagem de Deus, pelo pecado perde o sentido da vocação e o sentido original que lhe permite experimentar e participar da identidade do Criador. O pecado é obstáculo para sua resposta e adesão livre e consciente à graça de Cristo, a ponto de impedi-lo de levantar-se por conta própria e ir ao encontro da originalidade de sua vocação para a qual Deus o criou. O pecado é como uma cegueira que o impede de reconhecer a abertura para a graça e que o impossibilita de viver a experiência histórico-salvífica da comunicação de Deus.<sup>476</sup> Contradizendo a abertura transcendental, peculiaridade ontológica da criatura intelectual, do espírito finito, o pecado é um fato controvertido, uma ameaça presente, expressão da frágil liberdade humana que, alienada do sentido de Deus, se concretiza como negação à Sua proposta de amizade.<sup>477</sup>

<sup>475</sup> Cf. DE MIGUEL, J.M., *Revelación y fe*, p.117

<sup>476</sup> Cf. *Ibid.*, p. 116.

<sup>477</sup> Cf. ALFARO, J., *Naturaleza y gracia. Naturalismo*, p. 887; *Cristologia e antropologia*, p. 267.

A condição existencial do pecado não corresponde à relação de personalização oferecida pela compreensão da transcendência da graça. Essa situação evidencia-se como “misterium iniquitatis”, que encontra sua origem e razão última na estrutura fragilizada da “criatura intelectual”.<sup>478</sup> A raiz do pecado identifica-se com o núcleo fundamental e constitutivo do ser humano e estende-se ao limite da liberdade que aliena o ser humano, colocando-o frente ao risco de perder-se e contradizendo a sua capacidade de ser interpelado pelo amor de Deus.<sup>479</sup>

“O mistério do pecado é fundamentalmente o mistério do homem na contingência criatural de sua liberdade”.<sup>480</sup>

Nessa questão, evidencia-se com singular importância a compreensão da graça como perdão do pecado. A experiência do perdão manifesta que, apesar do pecado, o ser humano pode ainda receber a chamada de Deus, pois o pecado não pode destruir totalmente a abertura fundamental a Deus que constitui o homem como espírito.

Ainda é importante ressaltar nessa reflexão sobre o pecado que ela se encontra numa perspectiva histórico-salvífica e que não seria relevante uma reflexão teológica sobre a transcendência da graça baseada na situação do homem pecador. O que significa dizer que, segundo a revelação neotestamentária, a divinização da humanidade, união da vida da pessoa com Deus em Cristo, se fundamenta, essencialmente, na Encarnação. A rigor, a questão nos ajuda a ampliar o horizonte, percebendo que para compreender a graça como divinização é necessário procurar na pessoa uma situação mais profunda e primeira que a sua contingente situação de pecador, ou seja, uma dimensão profunda que identifique a sua criaturalidade intelectual: criado por Deus, consciente e responsável na abertura dialogal com o mesmo Deus.

Com efeito, o homem só é libertado do pecado na união imediata com Deus, ou seja, o pecado é dirimido no processo que leva à definitividade da divinização. Nessa perspectiva, Alfaro nos ajuda a compreender que a divinização da pessoa na visão beatífica não tem como ponto de referência a situação do homem no pecado, mas sim a dimensão última da pessoa como

---

<sup>478</sup> “... *La contigenza intrínseca della sua liberta fa della esistenza una esistência drammatica...*”  
Ibid., p. 268 (nota)

<sup>479</sup> Cf. Ibid., p. 268

<sup>480</sup> Cf. Ibid., p. 269.

“criatura intelectual”, na qual encontramos a raiz de sua fragilidade no pecado e da sua receptividade da autocomunicação de Deus.<sup>481</sup>

A abertura ontológica na qual a pessoa experimenta a proposta divina é referência da relação Pessoal com Deus e da resposta que identifica a pessoa como participante e inserida no mistério do acontecimento Cristo. A maneira de Deus continuar criando a pessoa expressa a generosidade de sua autocomunicação primeira, dom divino, que diviniza e elimina radicalmente a ameaça do pecado.

## Conclusão

A resposta de Alfaro para a questão da transcendência/imanência da graça e, conseqüentemente, para a pergunta pela pessoa humana é apresentada numa perspectiva antropológica, num personalismo ontológico-transcendental que integra o aspecto dialógico da existência.

Nossa intenção foi realçar o caráter antropológico de sua teologia. Isso implica uma nova hermenêutica que permita a compreensão cristã de ser humano em sua totalidade, em sua relação com o Absoluto e em sua vocação no mundo. Alfaro baseia a sua antropologia teológica nos fundamentos da economia da Salvação, como realização histórica do mistério trinitário, na centralidade da Pessoa do Verbo Encarnado. Tal elaboração teológica nos ajuda a recuperar o sentido unitário do ser humano e a entender o processo de personalização na relação dialógica com Deus e com a comunidade humana, processo que evidencia a conexão teológica entre a antropologia e a cristologia, pois ambas evidenciam a reflexão sobre a pessoa humana numa perspectiva cristã.<sup>482</sup>

A concepção cristã de pessoa, na perspectiva personalista-transcendental, explicita a realidade da graça de Deus como realidade totalizante, na qual estão inseridas as dimensões da pessoa, livrando-a de toda e qualquer dicotomia existencial que possa comprometer seu sentido unitário e singular diante de Deus e de sua história.<sup>483</sup>

---

<sup>481</sup> Cf. *Ibid.*, p. 267-269.

<sup>482</sup> As referências que apresentamos em notas anteriores, principalmente as que dizem respeito aos artigos contidos no livro **Cristologia e antropologia** mostram a preocupação de Alfaro em recuperar essa questão a partir da perspectiva bíblico-personalista e a partir de temas teológicos da Patrística oriental e ocidental. Cf. *Id.*, **Cristologia e antropologia**, p. 262; 271.

<sup>483</sup> Cf. *Ibid.*, p. 283-285.

Alfaro compreende a relação do ser humano com o Absoluto-Transcendente como uma experiência de intimidade e de união. A relação pessoal com o próprio Deus, experiência de graça e da iniciativa divina, traz à consciência teológica o sentido de pessoa que encontra a sua plenificação na Pessoa do Verbo Encarnado, o homem perfeito. N'Ele, o Cristo, encontramos a chave de leitura para toda vocação humana, bem como para a compreensão da situação da pessoa no mundo e na história, nas relações comunitárias, no enfrentamento diante dos limites da morte e no desempenho de seu progresso humano como esperança do definitivo.

## Síntese conclusiva

### I - Consideração: A existência humana verifica Deus e o homem

#### 1- A pergunta pelo sentido

Constatamos que Alfaro tem a preocupação de nos mostrar de forma convincente que é impossível responder aos questionamentos sobre a pessoa humana apenas no âmbito estreito de suas estruturas ontológicas constitutivas.

Assim, ele aborda a questão do sentido da existência, considerando a pessoa em sua complexidade. Embora essa questão gire em torno da realidade mesma da pessoa, não é possível chegar a uma resposta a partir exclusivamente dessa realidade, mesmo que se reconheça a dimensão existencial da realidade: o mundo, as relações interpessoais, a história e a morte. A questão nos remete a uma interpelação mais abrangente que confere sentido à existência e lhe permite conhecer a identidade original.

A pessoa, impossibilitada de responder integralmente à pergunta sobre sua própria identidade e sentido, vive necessariamente uma nova situação existencial: a abertura para perguntar e responder sobre Deus, no qual encontra o sentido e a resposta única e definitiva sobre sua realidade e identidade. A pessoa experimenta uma abertura ilimitada. Os questionamentos que traz e levanta de si mesmo remetem a uma interpelação ainda mais profunda: a questão de Deus. A existência, no conjunto das relações, não poderá responder à pergunta fundamental, sem que esta seja também uma legítima pergunta pelo sentido de perguntar pela própria existência e, conseqüentemente, perguntar por seu fundamento.

A perspectiva em que Alfaro trabalha remete às perguntas essenciais do homem moderno, que já não pode mais responder a si mesmo e sobre si mesmo considerando apenas os conceitos geométricos e essencialistas da escolástica, ou subjugado pelos conceitos pragmáticos e positivistas da modernidade. Alfaro compreende a necessidade de se responder a essa questão na linha teológica, considerando a integridade da pessoa e a situação da pergunta no contexto das relações e no exercício da consciência e da liberdade.

O teor da pergunta e a clareza da resposta não se encontram fora da existência da pessoa, embora esteja entendida como uma realidade aberta ao Transcendente.

Em Deus o homem encontra a fonte das interpelações sobre si mesmo, sobre o sentido dos questionamentos e vislumbra a pessoalidade como realidade doada. Deus é a única esperança para que o entendimento antropológico seja pleno de sentido, esperança na qual a pessoa encontra a sua origem e a sua meta: Origem e Futuro que coincidem na Transcendência Divina. A pergunta pelo sentido da pessoa encontra-se além de si mesma e da realidade existencial.

A pergunta sobre o homem, como pergunta que busca a resposta sobre Deus, expressa a condição de possibilidade de a pessoa descobrir sua resposta além de si mesma. Alfaro tratou de individualizar essa questão na noção de “abertura”, a qual está relacionada à sua antropologia teológica: constitui a pessoa como uma realidade que não pode satisfazer-se a si mesma, mas está orientada a perguntar pelo seu sentido, ultrapassando as fronteiras da individualidade e preparando-se para inserir-se na questão de Deus como resposta última e definitiva.

As relações existenciais da pessoa encontram-se direcionadas para dar uma resposta à questão sobre si mesma. E sinalizam, constitutivamente, sua identidade e a realidade de Deus. No Transcendente, a pessoa encontra seu sentido e, a partir dessa experiência, pode oferecer sentido aos existenciais.

A identidade da pessoa se estrutura como uma realidade consciente e livre, capaz de perguntar sobre si mesma, sobre suas dimensões constitutivas e sobre seu sentido Absoluto. A identidade de consciência e liberdade legítima e justifica a sua pergunta.

## **2- A pergunta pelo homem**

O problema sobre o homem é entendido por Alfaro como uma realidade radical, na qual está envolvida a identidade da pessoa na ultimidade de sua causa, que é o próprio Deus. Essa pergunta é justificada pela pergunta por Deus, que é o ponto culminante sobre o sentido da vida.

A existência humana só se reconhece nessa dinâmica própria de perguntas que coincidem com a sua própria estrutura antropológica: traz a

marca da interpelação que provoca a pessoa em relação à sua identidade e ao sentido de Absoluto de sua vida.

O homem é, constitutivamente, questão de si mesmo, e sua resposta vai muito além de sua própria realidade, pois sua pergunta e sua existência serão questões sempre abertas: Deus é a única resposta para a questão do homem.<sup>484</sup>

### 3- A pergunta pelos existenciais

A pergunta pelo sentido está localizada na existência humana e torna-se uma pergunta singular, porque trata diretamente de perguntar pela própria existência da pessoa e por suas relações existenciais.

A pessoa se identifica, na relação existencial, com o mundo, com as relações interpessoais, com a história e com a morte. Esses são pressupostos antropológicos que orientam a compreensão sobre a pessoa humana. Eles formam o cenário no qual a interpelação existencial adquire sentido relacional e provocador, o que comprova a atuação da pessoa sobre si mesma e sobre suas relações. Os existenciais compreendem a existência humana como realidade dinâmica que exige consciência de responsabilidade, de alteridade/solidariedade, de provisoriedade histórica de esperança.

Os existenciais são apresentados em sua particularidade antropológica e evidenciam uma novidade teológica, pois conduzem para o reconhecimento do Transcendente na imanência da pessoa: o mundo como sinal da Realidade Fundante; as relações interpessoais como expressão do Amor-Originário; a morte como experiência única da Esperança Última; e a história como certeza do Advento Absoluto. Assim, a pergunta pela pessoa humana e seu sentido nos remete para além da própria existência, ajudando-nos a descobrir a pessoa no exercício relacional de sua liberdade e de sua consciência:

a) Diante da atuação no mundo e das relações interpessoais, a pessoa é a única responsável diante de si mesma, diante de suas relações e diante de Deus. Deus é o último ponto de referência da liberdade pessoal na complexidade da existência humana. De modo que a responsabilidade diante do mundo e das relações humanas encontra somente em Deus a sua garantia, justificativa e o apoio.

---

<sup>484</sup> Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., **Raiz de la esperanza**, p.11-61.

b) A integridade da pessoa cônica e livre projeta a sua vida diante do futuro pessoal e coletivo. A morte é um exercício da liberdade que requer consciência de decisão perante o Único que pode responder à “esperança-esperante” e ilimitada. Frente ao enigma da morte e da provisoriedade da história, não existe outra possível resposta que aquiete a existência humana, senão o Absoluto de Deus.

Os existenciais evidenciam, na realidade imanente, limitada e frágil, o Transcendente como sentido último da existência. Dentro dos existenciais se encontram a responsabilidade incondicional e a “esperança-esperante”, elementos que provocam na pessoa a busca de Deus e do próprio sentido, a partir das relações constitutivas.

#### **4 - Os Existenciais: apenas pressupostos**

Nos existenciais emerge a questão do sentido. A totalidade da existência humana comprova a pergunta pelo sentido da pessoa e provoca a pergunta pelo doador Absoluto de sentido. Na realidade imanente, essa questão destina-se a ir além da própria pergunta. É necessário aderir à consciência de que os existenciais, mesmo dentro da pura imanência, sinalizam uma realidade aberta que aponta a resposta para o sentido último da pessoa, fora dos limites da imanência. É também de fundamental importância reconhecer que a pergunta que direciona a pessoa na busca incessante de Deus como sentido acontece na realidade imanente e surge quando a pergunta diz respeito à própria pessoa. A pergunta por Deus é resposta à pergunta do homem sobre si mesmo. E aqui reside uma constatação relevante e autêntica: a pergunta por Deus não é uma questão alheia, estranha ou anexa à realidade existencial da pessoa, não estando, portanto, fora de suas preocupações ou de seus sentimentos. A pergunta por Deus, tão presente em sua constituição existencial, é a resposta única para sua pergunta radical: o que é a pessoa humana?

Nos escritos de Alfaró a questão aparece com clareza e profundidade como questão definitiva sobre a pessoa, esclarecendo-se definitivamente a interrogação da existência humana, quer dizer, é uma questão última ao apontar a Plenitude de Sentido, mas também é questão primeira para a existência humana, uma vez que já se encontra presente na pessoa, ontologicamente, e manifestada em seus existenciais. É uma questão primeira e radical, pois só

assim pode ser uma resposta última e essencial para a pessoa em seu próprio mistério.

Na condução dos existenciais, esses se revelam apenas como pressupostos antropológicos para apontar o mistério de Deus que revela o homem ao próprio homem.

## **5 - Paradoxo: A pergunta por Deus, constitutiva da pergunta pelo Homem**

A pergunta por Deus é última, mas, ontologicamente, é primeira, pois surge e se fundamenta nas estruturas constitutivas do ser-pessoa: nas quatro relações totalizadoras que integram e identificam o ser humano. Por isso, já que a pergunta surge na realidade conjunta da pessoa, podemos dizer que a pergunta por Deus é a dimensão constitutiva da pessoa humana: Deus mesmo interpela a partir da criação. A pessoa responde na consciência e na liberdade. A pessoa é orientada à Transcendência: é uma chamada interior e divina, é dom. Dessa forma, apesar da finitude humana, paradoxalmente, a pessoa manifesta o seu desejo constante de auto-realização. Incapacitada de chegar à plenitude por conta própria, investe em sua auto-superação, acolhendo o Transcendente como dom. Esse paradoxo é próprio da existência humana.

## **6 - A realidade humana é Revelação de Deus**

A pergunta que a pessoa faz de Deus emerge da consciência fundamental da auto-Revelação de Deus. O homem é lugar onde Deus se revela, uma vez que ele remete ao próprio Deus através da criação e a sua vida é integralmente uma pergunta por Deus. Originalmente o homem é interpelado, pois a pergunta por Deus se realiza na sua própria pessoa. A estrutura constitutiva da pessoa busca a Revelação. A pessoa humana se descobre aberta para a eventual auto-revelação de Deus na história humana.

O coração humano e suas relações trazem em si a abertura para a questão de Deus, abertura que é constitutiva da pessoa, capacita-lhe o encontro com Deus (*capax Dei*), restabelece o sentido da criação (*imago Dei*) e integra a relação pessoal (*pesona creata*) em suas diversas dimensões.

A criaturalidade do ser humano é a possibilidade de encontro, no qual se estabelece a gratuidade de Deus e a relação pessoal em que Deus mesmo se auto-revela. Na perspectiva dessa abertura, a pessoa acolhe a autocomunicação de Deus e toma consciência de que essa experiência se realiza em sua própria realidade.

Assim se expressa o mistério da pessoa reconhecida como “criatura intelectual”, pois vive a tensão insuperável entre a sua finitude e a aspiração ilimitada, e traz dentro de si pergunta irremediável pelo sentido da vida. A teologia mesma é que impõe essa questão ao homem, para reconhecê-lo integrado no Mistério Último e Definitivo, no Sentido Absoluto, como destinatário da Graça e da Revelação salvífica de Cristo.

## **II - Consideração: Constatações antropológicas**

1 - Os existenciais são constitutivos da espiritualidade e da corporeidade: as dimensões da existência que se experimentam na relação com o mundo, com a humanidade, com a história e com a própria morte. São dimensões que estruturam a pessoa em sua integridade, espiritualidade e corporeidade. Nessas dimensões, o corpo é manifestação do espírito em comunhão com o mundo, externando a comunicação das relações inter-pessoais, construindo a história e enfrentando a ameaça da morte. A pessoa é Relação: o sujeito revela-se auto-consciente e livre chamado à transcendência. Aberto ao sentido de sua vida e a ação interpelativa de sua existência provisória.

2- A experiência comunitária constitui a pessoa: a afirmação do si mesmo é sempre construída na afirmação do outro, como “tu” (humanidade), relação que interpela a liberdade pessoal como vínculo de comunhão interpessoal. A pessoa sinaliza a mútua relação com a comunidade e ambas apontam para o fundamento comum e transcendente.

3- A Pessoa: ser de esperança. A esperança rompe com os limites do provisório, motiva a existência como construção do futuro pessoal, social e comum, bem como cria a história e abre a perspectiva diante de um advento Absoluto.

4- A questão de Deus aparece como aspecto fundante da estrutura antropológica: a relação com o mundo interpela a Liberdade Responsável; as relações interpessoais apontam para o Amor-Originário e Fonte de

solidariedade; o desafio da morte interpela a Esperança Última; no provisório da história a pessoa vive a abertura para o futuro Absoluto.

5- Os existenciais apresentam o ser humano numa perspectiva transformante. Provocam a ação humana como projeção interpelativa de relacionalidade, o que constitui o ser humano como expectante de sua dignidade e da realização de sentido pleno. A pessoa é responsável pelo próprio destino e pelo destino do mundo. Um caminho de humanização progressiva.

6- A pessoa se caracteriza por participar de uma unidade integradora que constitui a sua espiritualidade corpórea. Sua existência é única e se revela como imanência orientada à transcendência. A identidade da pessoa está vinculada à verificação da nomeação de Deus presente na realidade humana, a qual sinalizou a plenitude da identidade da pessoa quando foi marcada pela realidade pessoal do Verbo de Deus, humanizando-se e divinizando a humanidade.

### **III - Consideração: Na Pessoa do Verbo humanizado, todos personalizados**

#### **1- A centralidade da Pessoa de Cristo**

A centralidade da pessoa de Jesus Cristo, Pessoa do Verbo de Deus, é objeto da reflexão de Alfaro numa perspectiva personalista, fato que o aproxima dos estudos bíblicos, dos ensinamentos do Vaticano II e das diversas preocupações existenciais do homem contemporâneo.

O acento personalista revela o Cristo como Palavra (Verbo Encarnado) que se expressa como Pessoa. Sua presença na história é compreendida como acontecimento salvífico. Na Pessoa de Jesus Cristo se realiza a comunicação de Deus, fato que nos permite dizer que a revelação ocupa a pessoa de Jesus e que a Encarnação é Revelação e esta se realiza na Encarnação.

A concepção personalista do Mistério Salvífico destaca a revelação como autoprojeção: Deus mesmo se dá a conhecer, numa Revelação - Mistério Pessoal - que só pode chegar até a humanidade através da Pessoa de Jesus Cristo, cuja consciência humana manifesta a presença absoluta e única de Deus Pai. Nela o Senhor vive o mistério de Pessoa inteiramente unida e dependente do Pai, como uma experiência filial. Jesus em seus gestos e palavras revela-se como Filho de Deus.

Jesus é homem, e nEle a Revelação Divina se fundamenta em sua constituição ontológica de Verbo de Deus Encarnado. Pela graça da Encarnação, Jesus é o Revelador do mistério de Deus em si mesmo e em suas relações, de modo que Ele mesmo participa de forma singular deste Mistério, completamente inacessível ao entendimento humano por causa de sua Absoluta Transcendência.

A Encarnação ilumina a presença reveladora de Cristo, entendida como chave hermenêutica de todo Evento salvífico: a Palavra Pessoal do Pai revela que seu Filho se faz Carne e assume a humanidade. A Encarnação é articuladora da perspectiva histórico-salvífica: o Mistério de Deus está concentrado na Pessoa do Homem Jesus Cristo.

A identificação do conteúdo formal da Encarnação com a auto-Revelação de Deus explicita a Revelação como Salvação: o Pai, por meio de Cristo e na força do Espírito, revela o Mistério de sua vida, salvando e, por que salva, manifestando seu Amor infinito.

A Revelação, a Encarnação e a Salvação constituem o único Mistério Pessoal de Cristo que encontra a plenitude na glorificação Pascal. O mistério Pascal concentra e integra todas as etapas como única e definitiva manifestação de Deus em Cristo.

Evidencia-se, com isso, o caráter cristológico e personalista do mistério Salvífico na perspectiva da Visão escatológico-Trinitária, reservando-se, por esse caráter a Absoluta Transcendência de Deus e a atitude plenamente humana do homem finalizado em Cristo para participar definitivamente do Mistério Divino. Em Cristo e por Cristo, Deus se dá eternamente aos homens; em Cristo e por Cristo, os homens respondem à relação pessoal com Deus e chegam ao encontro imediato: vida eterna.

Essa perspectiva personalista da Revelação/Encarnação/Salvação confirma a atitude pessoal de Deus ao se dirigir ao homem: primeiro na intimidade de seu espírito, como abertura transcendental; em seguida, na Pessoa do seu próprio Filho; e finalmente na esperança da visão gloriosa em Cristo. A experiência da relação pessoal com Deus é Graça, é dom e amizade Pessoal.

## 2- O Verbo Encarnado: Graça de Deus

A Graça, em sua expressão originária e fundante, é a autodoação do Pai, geradora do Verbo. O Verbo personaliza a Graça de Deus, Ele é Deus como o Pai, pois é fruto de sua comunicação pessoal. Toda graça está concentrada e personificada em Cristo, Verbo de Deus: a Graça é o Verbo. Nessa perspectiva entendemos a Graça como uma experiência profunda de doação pessoal, de entrega total, de participação, e de comunhão geradora de relação pessoal, constitutiva da Pessoa Divina do Verbo.

A humanidade de Cristo assume o significado pleno de Encarnação da Graça. Toda a história da Salvação externa essa perspectiva na qual a Encarnação torna-se um acontecimento interpretativo do designo Salvífico. Da criação à realidade última e definitiva da Visão, o mistério todo da autocomunicação de Deus é integrado na relação Pessoal do Verbo Encarnado: *“Tudo o que foi feito foi feito por ele e nada do que existiu, existiu sem Ele”* (Jo1,3).

O Verbo é Encarnado pela Graça do Espírito do Pai, é autodoação do Pai que se faz visível, que se reveste de carne e de sentidos. Jesus é a Graça de Deus: o que Ele é em si e para si é também para a humanidade. A Graça de Deus tem nome e é personalizada, está toda contida no acontecimento da Encarnação.

A dimensão encarnacional da Graça deriva do seu caráter Crístico. Isto significa dizer que a compreensão da Graça não pode estar alheia ao seu fundamento: o Verbo Encarnado.

## 3- Imanência e transcendência da Graça

O núcleo articulador da relação entre imanência e transcendência é o mistério unificador da Encarnação. Só a partir da Encarnação podemos compreender, na medida do possível, o que é a Graça em si mesma e em nós, como doação do Pai. Somente na perspectiva nucleadora da Encarnação é que podemos alcançar a compreensão da questão da imanência da Graça de Deus, absolutamente Transcendente. O dom de Deus para a humanidade é a Palavra Pessoal Encarnada. Com esta, entendemos que Deus entregou-se todo por inteiro, entregou-se a si mesmo e inaugurou uma nova relação na qual o ser humano participa pessoalmente da Vida mesma de Deus. Não existe outra

Graça fora dessa participação do mistério de Deus Revelado, Encarnado em Cristo, o Salvador.

Com o enfoque referido acima, Alfaro pontualiza o aspecto característico de sua antropologia teológica. Apresenta o referencial da Encarnação do Verbo como ponto integrador da Graça de Deus, entendida a partir do “Existencial Crístico”: a autocomunicação de Deus com os homens se faz em e por Cristo Encarnado, pessoa humana em meio à humanidade, e na unidade com o Deus Pai, na potência de seu Espírito. A realidade da Graça em Cristo é uma atuação do Espírito, sendo Cristo Senhor e salvador universal.

O caráter trinitário da Graça manifesta-se inteiramente na Encarnação. Deus mesmo estabelece a relação pessoal pela qual o ser humano acolhe, pela resposta da fé, a autocomunicação que se realiza na Pessoa de Cristo, como uma experiência única e singular de relação filial e pessoal. Nessa relação o Espírito atua, cristifica a pessoa e atualiza a graça de Cristo, fazendo-nos clamar: Abba! Pai!

#### **IV - Consideração: A concepção cristã de pessoa humana**

Neste trabalho, é de fundamental importância destacar o caráter encarnacionista-crístico da Graça, a qual se concentra na Pessoa de Cristo, a quem o Pai personaliza e com quem identifica a nossa participação no seu Mistério. Em Cristo somos inseridos na relação que diviniza e constitui a existência humana como uma realidade Crística: personalizados na Graça de Cristo e cristificados como Pessoas na Graça.

O tema da concepção cristã de Pessoa humana assume um sentido totalizante e integrado, na medida em que o núcleo dessa experiência única é o Cristo Encarnado, Pessoa do Verbo de Deus, presente na natureza humana. A personalidade de Cristo sinaliza o sentido e a eficácia da Graça no ser humano, personalizando-o na unidade de sua espiritualidade e corporeidade, em todo o seu ser e em suas relações, na perspectiva de uma relação pessoal-Trinitária e da unicidade do ser humano diante do apelo da própria criação.

O ser humano é cristificado e personalizado pela Graça da Encarnação na história humana, Graça pela qual Deus mesmo já assumiu e se uniu, hipostaticamente, à humanidade, na Pessoa de seu Filho. A experiência da personalidade da Graça se expressa na dinâmica própria de Deus que está presente na humanidade como lugar de encontro e de manifestação divina. Na

Pessoa de Cristo a relação intradivina é proposta e é decididamente auto-revelada, autocomunicada e autodoada, para que o mistério do amor trinitário seja total e constitutivo da pessoa humana.

## **1- A condescendência de Deus cria pessoa**

A criação é um processo. Deus cria na perspectiva de que toda a obra da criação seja expressão de sua vida. A criação toda é chamada a participar do mistério da Salvação e da libertação dos filhos e filhas de Deus.

A concepção cristã de pessoa humana corresponde à plenitude da criação, que chega à máxima realização na Pessoa do Verbo Encarnado. A Encarnação eleva à plenitude a realidade criatural, concedendo ao ser humano a inserção e a participação ativa em uma relação pessoal, constitutiva e intrínseca com Deus. A criação é vista como evento salvífico orientado para a relação de Aliança, e esta, definitivamente, realiza-se na Encarnação do Verbo. O ser humano experimenta a presença pessoal de Deus e é elevado à experiência de parceria como pessoa cristificada, para corresponder à vocação inicial de “imagem e semelhança” de Deus, que pessoalmente se manifesta e se dá a conhecer.

O tema da concepção cristã de pessoa humana nos permite centralizar o conteúdo histórico-salvífico na humanidade do Verbo e, conseqüentemente, abrir o horizonte de nossa compreensão crística de ser humano: a experiência relacional com Deus, pela gratuidade de seu amor, integra o homem e a mulher, além de todo ser humano para responder no nível de relação pessoal à vocação original. O acolhimento à Graça como resposta da fé cristã introduz a experiência de reciprocidade e de personalidade, não apenas como uma relação pura na perspectiva do “eu/tu”, mas na perspectiva da Graça que possibilita a relação pessoa/pessoa. Na dimensão de condescendência, o próprio Deus, Pessoa Increada, constituindo relação pessoal com a humanidade e com cada ser humano, realiza o seu desígnio salvífico e constitui o ser humano como parceiro para a comunhão de vida, na mesma estatura da Pessoa de Cristo, e por Ele, com Ele e N'Ele divinizados. A concepção cristã de pessoa humana expressa a concretização da Graça de Cristo e identifica o homem e a mulher como criados e salvos para a relação pessoal com Deus.

Alfaro explicita a lucidez da relação condescendente de Deus que em Jesus Cristo personaliza todo ser humano. Deus é livre em dar-se ao ser

humano, e o ser humano não pode exigir a intimidade pessoal de Deus. É a condescendência divina que motiva uma reciprocidade responsorial. Deus é absolutamente livre para propor uma união pessoal. A consciência pessoal da experiência crística que descortina a experiência da Visão de Deus é dom pessoal do próprio Deus. Assim, a experiência relacional entre Deus e o homem é simplesmente dom e funda-se numa cristologia personalista e relacional, na qual a Pessoa do Verbo de Deus assume a humanidade. A condescendência divina que se encontra com a realidade humana é o fundamento da concepção cristã de pessoa. A experiência da Graça é que justifica o ser pessoa livre que gratuitamente se realiza em relações de amor:

“A Graça supõe a existência do homem, como criatura intelectual que pode ser interpelada por Deus e pode ser elevada a uma relação “eu-tu” com Ele: a Graça supõe o homem como pessoa: se insere na pessoa. A Graça aperfeiçoa a pessoa... possibilita a plenitude da pessoa.”<sup>485</sup>

O sentido da consideração sobre a concepção cristã de Pessoa humana encontra-se na condição de “criaturalidade”, evidenciando-se a abertura do ser humano e de sua consciência, e fazendo-o presente diante do “Outro Absoluto” de forma livre, para responder com autodeterminação à relação Pessoal com Deus. Essa compreensão de Pessoa comporta a atuação da consciência diante de si mesma, além da capacidade de atuar livremente e optar diante do Absoluto. A Graça é o princípio que personaliza o ser humano, porque o coloca diante de Deus, diante de um “Tu” que se dá gratuitamente. Assim, o ser humano chega a sua plenitude como Pessoa, na medida em que, na Pessoa do Verbo Divino, experimenta da livre doação de Deus, relacionado Pessoalmente.

A concepção cristã de pessoa na reflexão de Alfaro compreende que:

- O homem sinaliza o mistério de Deus que se revela em Cristo como mistério de relação;
- O homem é capaz de relacionar-se com Deus por condescendência e Graça do próprio Deus, como um dom Pessoal;
- O homem pode chegar à plenitude da união e relação pessoal com Deus, na experiência única e singular de Jesus Cristo, Verbo Pessoal do Pai.
- O homem participa de uma relação ativa que o faz “partner” de Deus na qual aceita livremente o dom de Deus mesmo como experiência de comunhão;

---

<sup>485</sup> ALFARO J., **Cristologia e antropologia**, p. 411.

- O homem se encontra pessoalmente com Deus numa perspectiva integradora e transformadora de sua criação;
- O homem integra-se numa perspectiva de relação crística e cristifica as suas relações;
- O homem vive sua personalidade diante de Deus como finalidade, experiência do mistério íntimo e pessoal de Deus como realidade definitiva.

Tais elementos nos ajudam a compreender a concepção cristã de pessoa e integram a reflexão sobre o dom de Deus, a Graça realizada na Pessoa de Cristo como aspecto fundamental. O horizonte personalista da teologia de Alfaro apresenta a dimensão histórico-salvífica, a cristologia e a antropologia como unidade teológica: Revelação/Encarnação/Salvação, realidade definitiva, única e integradora que presentifica o mistério de Deus e o beneplácito de sua relação de Amor, personalizado em Cristo e personalizante, por Ele e n'Ele, de todo homem e de toda mulher.

## **V - Consideração: A Pessoa - Nova identidade Crística**

A pessoalidade em Cristo e a resposta recíproca à comunicação gratuita de Deus inserem a pessoa na perspectiva do relacionamento Trinitário. A Graça de Cristo confere uma nova identidade: a Pessoa é crística, participa da relação de filiação divina. A pessoa se reconhece como tal, envolvida pelo mistério da Paternidade divina, da solidariedade crística e da comunhão no Espírito. A concepção cristã de pessoa confere uma identidade nova que se expressa na dinâmica de alteridade e, de forma bipolar, na relação Filiação/fraternidade. A relação pessoal com Deus eleva a natureza humana à experiência única de filiação e compromete fraternalmente as relações na humanidade. A pessoa cristificada, introduzida nesta relação filial configurada em Cristo, encarna em sua existência a dimensão solidária de sua relação pessoal com o Pai: a fraternidade, princípio da nova humanidade. A Graça de Cristo cria um efeito integrador da pessoa, identifica e esclarece sua existência cristificada.

## **1 - Solidariedade Salvífica**

A consciência crística de participantes do mistério de Cristo pela resposta da fé à Graça de Deus constitui uma nova identidade. A salvação em Cristo é realização da Graça de Deus na existência de cada pessoa. Essa experiência, que nasce da fé teologal-responsorial à interpelação amorosa de Deus, compromete as relações humanas com a Relação inter-Pessoal da Trindade: relação na qual somos chamados à “filiação/fraternidade”, além do que exprime a dignidade da pessoa humana frente à gratuidade de Deus, sinaliza as dimensões salvíficas do acontecimento Cristo, como manifestação do único dom de Deus, e atualiza a existência cristã pela qual as funções salvíficas do Cristo humanizado são reconhecidas nas dimensões da existência humana.

O termo solidariedade aparece como um termo análogo ao conceito de Salvação: solidariedade salvífica, explicitando a existência crística vivida na fé, na esperança e na caridade. O mistério de Cristo é mistério de amor solidário para com a pessoa e, através dela, para o universo criado. A solidariedade é dom que provém da incorporação e da relação Pessoal com Cristo e se constitui como um imperativo fundamental da existência cristã. A solidariedade é um efeito da Graça de Cristo e um sinal eficaz da atuação Salvadora de Deus em Cristo.

A consciência de nossa personalidade crística, como promoção da Graça, nos compromete radicalmente com uma solidariedade que é salvífica, no nível inter-humano e cósmico: a pessoa experimenta a Graça salvadora como um dom comunitário em Cristo que a integra no mundo, tornando-o mundo de Cristo humanizado.

A perspectiva solidária em Cristo torna-se o princípio ético-teológico da inserção da pessoa humana na realidade, para que o desenvolvimento das relações aconteça no nível do progresso humano, tornando os pobres apelo e interpelação, para a realização da justiça e da paz.

## **VI - Consideração: Antropologia e Soteriologia - uma visão unitária**

A sistemática teológica de Alfaro caracteriza-se por uma notável unidade. A preocupação básica do autor foi fazer inteligível o problema central de sua teologia: a presença do Absoluto no mundo, na história e na pessoa humana.

Essa preocupação foi um marco que se desenvolveu, progressivamente, em seus escritos e em seu “fazer teológico”.

Alfaro acentua dois condutores de sua teologia: a antropologia e a soteriologia, ambas integrantes da unidade das reflexões teológicas.

Nossa pesquisa fundamentou-se nesse aspecto da obra de Alfaro. Sua coerência interior repousa sobre dois pontos articuladores da compreensão do mistério salvífico comunicado como Graça de Deus: o primeiro, sobre o sentido de pessoa como “criatura intelectual” aberta à graça e chamada à relação pessoal com Deus; o segundo, sobre a Pessoa, o mistério funcional-salvífico de Cristo, sintetizado na categoria bíblica de Encarnação.

Esses dois fios condutores articulam a autenticidade e a relevância do que buscamos. A pergunta pela concepção cristã de pessoa humana nos remete à Encarnação do Verbo de Deus, e esta justifica a inserção de todo ser humano no mistério de Deus que o personaliza na perspectiva de seu Verbo humanizado. Cristo Pessoa Divina é a encruzilhada teológica da antropologia e da soteriologia, é o acesso cristológico para a plena realização, sentido e identidade da pessoa e cume da auto-revelação do Deus salvador. Nele toda pessoa se reconhece pela relação de filiação/fraternidade, e Deus mesmo se autocomunica como boa notícia de Salvação. O centro unificador da antropologia e da soteriologia é a presença Pessoal e humanizada do Verbo do Pai. A cristologia introduz a antropologia no mistério transcendente de Deus e torna a soteriologia explícita quando manifesta, nos limites da história humana, o querer salvífico de Deus. A antropologia e a soteriologia são reconhecidas na humanização do Filho encarnado que as integra em sua real experiência humana e em sua significação salvífica. Assim, articulam o sentido cristão de pessoa humana enquanto buscam sua fonte de atuação na categoria de Encarnação: *“O verbo se fez carne e habitou entre nós... e nós vimos sua glória”*.<sup>486</sup>

## VII - Consideração final

Diante do trabalho apresentado e das últimas considerações que sintetizam a nossa reflexão podemos concluir, dizendo que a teologia de Juan Alfaro, em seu método, em seu conteúdo e em sua relevância frente aos

---

<sup>486</sup> Jo 1,14.

desafios da modernidade e da sua atuação na comunicação e realização da teologia pós- Concílio Vaticano II, continua pertinente para o presente debate teológico.

A preocupação com uma metodologia existencial-fenomenológica que o levou a assumir a teologia, e de modo particular a antropologia teológica, em perspectiva personalista, própria de sua experiência bíblico-histórico-salvífica, delineia uma compreensão que faz de sua teologia uma autêntica tarefa eclesial, pois acolhe a realidade humana compreendida como lugar teológico, no qual Deus se revela na humanidade de seu Filho Jesus Cristo, estendendo sobre a existência humana a tarefa de significar o seu evento Salvífico. Na gratuidade de Deus, todos os processos da história, do mundo e das relações interpessoais, e até mesmo o limite existencial da morte, são verificados como lugares da nomeação divina, nos quais Deus se faz conhecer, dando ao homem a possibilidade de desvendar seu próprio mistério, espaço teologal, onde Deus se manifesta definitivamente.

A Pessoa de Cristo, Verbo Encarnado no homem Jesus, é a referência e o centro de nossa reflexão. O conceito cristão de Pessoa humana que buscamos compreender fundamenta-se e tem sua originalidade na Pessoa mesma de Cristo. Entendemos assim que a origem dessa concepção cristã de pessoa é o próprio Deus. Da pergunta pelo homem chegamos à pergunta por Deus, e consideramos que Deus mesmo é a resposta e o desvelo da realidade humana em seu sentido e salvação.

Na perspectiva antropto-soteriológica, compreendemos o conceito de Pessoa a partir de horizonte cristológico, no qual a própria personalidade de Jesus Cristo confere à pessoa o reconhecimento de sua identidade sob a perspectiva cristã. Desse modo, descobrimos na sistemática de Alfaro a atualidade e a proposta articuladora da cristologia como chaves de leitura para a antropologia teológica.

A compreensão personalista de Alfaro nos remete a uma cristologia consciente da função relacional, na qual o próprio conceito de Pessoa em Jesus assume o sentido de reciprocidade. No debate atual, chamaríamos de “cristologia relacional”,<sup>487</sup> pois a realidade humana e divina de Jesus coincidem em unidade e integridade, sem distorcer o dogma de Calcedônia, reconduzindo a questão das duas naturezas num horizonte de interpretação relacional. Afirmar a humanidade de Jesus confirma sua divindade, pois sua humanidade tem em

---

<sup>487</sup> GARCIA RUBIO, A., **Orientações atuais na cristologia**, p. 59

Deus seu fundamento eterno e se expressa em sua experiência existencial. E a sua existência adquire um valor salvífico, pois sinaliza a relação personalizada de Jesus com o seu Pai, e Deus. O caráter relacional da experiência humana de Jesus e o sentido absoluto de sua referência pessoal ao Pai dão à cristologia uma nova feição para conduzir como tarefa a antropologia teológica e descobrir em Jesus o sentido e a identidade de toda pessoa humana. Assim, a vida de Jesus, em palavras e gestos, Pessoa do Verbo Divino, estrutura todas as considerações feitas acima e torna-se constitutivamente o ponto de partida para evidenciar a realidade da pessoa humana do ponto de vista da fé cristã. N'Ele, relacionado ao Pai, converge a unidade da revelação e da salvação.

Deus mesmo desde a criação assume a existência humana, acolhendo-a numa perspectiva de que seu ato criador seja comumente salvador. A criação está integrada à realidade do Criador, de tal forma que ambos, Criador e criatura, afirmam uma relação de valorização e de respeito, na qual a transcendência de Deus se manifesta e se dá a conhecer na existência humana, fazendo-se presente na realidade criada. O Deus que cria é o mesmo que chama à experiência salvífica do amor e da aliança dialogal.

A experiência relacional é fundante para o conceito cristão de pessoa, visto que a graça da criação encontra a plenitude na Encarnação do Verbo. A criação, como um processo contínuo, realiza-se, em sua máxima expressão, na Pessoa de Cristo, no homem Jesus que, intimamente relacionado ao Pai, confere por sua filiação o sentido da relação amorosa de Deus. A Deus cabe personalizar o ser humano, constituindo-o existencialmente crístico e totalmente aberto para a relação de filiação-fraternidade, na qual a pessoa se reconhece cristificada e cristifica o mundo e suas relações.

O conceito de pessoa abre um horizonte sobre a teologia e, de modo muito particular, sobre a antropologia teológica. Entenda-se esse fato numa perspectiva integrada e afim das ciências humanas, de modo que o termo se expressa na teologia com a amplitude da relacionalidade existencial, fenomenológica e personalista. A cristologia esclarece e ilumina a consciência relacional e garante, através do significado existencial da experiência humana de Cristo, o acesso para relação que personaliza, pela qual toda pessoa se reconhece introduzida na experiência reveladora e salvífica de Cristo.

Entendemos que a questão cristológica, por trazer à reflexão a concepção de pessoa sob o prisma da relacionalidade, não cabendo uma formulação estática, foi antecipada por Juan Alfaro, à medida que assumiu em sua sistemática: o rumo histórico-salvífico de suas reflexões; a integração dos

conceitos de revelação, encarnação e salvação; a consciência da pergunta por Deus presente na pergunta pelo homem; a significação dos existenciais como lugares da nomeação divina; a experiência do fazer teológico dialogal; a adesão às ciências humanas como pressupostos teológicos; a centralidade da cristologia; a interação entre cristologia e antropologia; a eclesialidade transformada e transformante do mundo em progresso; a vivência histórica da esperança; a solidariedade promotora da integridade humana; a visão da humanidade como postulado da fé; a existência vivida na fé, na esperança e na caridade; e a referência antropológica do existencial crístico. Nesses pontos significativos da condução teológica de Alfaro, encontramos a perspectiva relacional pela qual a cristologia pode se explicitar e conferir ao ser humano a identidade de pessoa crística, assinalada pela experiência singular de Cristo Verbo encarnado.

A concepção cristã de pessoa reside dentro da cristologia, na qual a antropologia encontra referência e na qual a soteriologia é descoberta como proximidade gratuita, relação pessoal e autocomunicação de Deus que ama, cria e salva. A personalidade de Jesus, íntimo e relacionado ao Pai, expressa a significação salvífica e confirma o sentido cristão de pessoa.

A experiência relacional de Jesus com o Pai abre o horizonte da identidade pessoal Cristificada. Na intimidade e a unicidade de Cristo com o Pai, no amor personalizado, está a única e possível explicitação da concepção cristã de pessoa humana. A Pessoa de Cristo se dá a conhecer a partir da relação filial que se manifesta na realidade humana, relação que é o eixo articulador e semântico no qual Alfaro pontualiza a sua concepção cristã de pessoa humana. Em Cristo, por Cristo e com Cristo a realidade humana se esclarece. E o que se fala da fé se constata na realidade humana: é cristológica; cristocêntrica e cristoteológica, pois se fundamenta em Cristo, comunica o conteúdo da revelação e encaminha-se à plenitude da visão que já se enxerga em Cristo Senhor. A realidade humana não poderia ter outra concepção senão aquela que se destina ao reconhecimento salvífico, personalista e transcendente da própria fé. A mediação única e hermenêutica da antropologia teológica é a encarnação, e esta traduz o sentido cristão de pessoa diretamente do mistério trinitário do qual Cristo é Pessoa. Só Cristo pode mediar em suas próprias mãos a experiência trinitária como experiência relacional e personalizante, na qual toda pessoa humana torna-se pessoa cristificada.

A graça de Cristo personaliza a existência humana na intencionalidade do amor gratuito de Deus, além de personalizar na resposta da fé: adesão

crística na qual a liberdade pessoal se identifica com a liberdade de Cristo, que vive a relação pessoal com o Pai na geração eterna do amor.

Por fim essa conclusão ainda nos remete ao início deste trabalho quando evocamos cinco questões, que interpelam o discurso teológico sobre o homem: a linguagem teológica atenta à relevância; a autenticidade do ethos eclesial; a relação cristologia e antropologia; a visão integrada do ser humano; e a solidariedade em Cristo como transformação do mundo e da história. Essas questões permeiam nossa reflexão como apelo constante para que a nossa visão cristã sobre a pessoa humana possa trazer, à comunidade eclesial e a todas as pessoas de boa vontade, a consciência de um fazer teológico atento aos novos paradigmas do mundo moderno e pós-moderno. E tenha uma palavra que conduza a vida humana ao seu único mistério de plena realização - Jesus Cristo, Verbo do Pai encarnado.

Em nosso trabalho, apresentamos uma linha de reflexão cuja principal preocupação foi um fazer teológico ao mesmo tempo humanizado e humanizador, integrando-o à diversa realidade da pessoa humana, num diálogo esclarecedor com as ciências e com o mundo. Temos consciência de que, se algum mérito nele se reconhece, advirá este certamente da perspectiva implícita de um conhecimento que devotamente se declara teológico, na medida em que busca acolher a realidade humana e, iluminado pela fé, propõe uma palavra de esperança oriunda da relação pessoal com Deus, na contemplação amorosa de seu mistério.